



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES/CECA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO/PPGE

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO

**MUTAÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA: A
EFERVESCÊNCIA DO *CIBERBULLYING***

JAKELINE GOLDONI

CASCADEL - PR
2017



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES/CECA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO/PPGE
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO

**MUTAÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA: A
EFERVESCÊNCIA DO *CIBERBULLYING***

JAKELINE GOLDONI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, área de concentração Sociedade, Estado e Educação, linha de pesquisa: Formação de Professores e Processos de Ensino e Aprendizagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE – Campus de Cascavel, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre(a) em Educação.

Orientador(a):
Prof^(a). Dr^(a) Tânia Maria Rechia Schroeder

CASCADEL - PR
2017



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Cascavel CNPJ 78680337/0002-65
Rua Universitária, 2069 - Jardim Universitário - Cx. P. 000711 - CEP 85819-110
Fone:(45) 3220-3000 - Fax:(45) 3324-4566 - Cascavel - Paraná



PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO

JAKELINE GOLDONI

Mutação da violência escolar na sociedade pós-moderna: a efervescência do cyberbullying

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Educação, área de concentração Sociedade, Estado e Educação, linha de pesquisa Formação de Professores e Processos de Ensino e de Aprendizagem, APROVADO (A) pela seguinte banca examinadora:

Orientador(a) - Tanira Maria Rechia Schroeder

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Maria Cristina Rocha Barreto

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Cascavel, 28 de abril de 2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

G572m Goldoni, Jakeline
Mutação da violência escolar na sociedade pós-moderna: a efervescência do cyberbullying. / Jakeline Goldoni.— Cascavel, 2017.
89 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tânia Maria Rechia Schroeder

Disserta o (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, 2017.
Programa de Pós-Gradua o em Educa o

1. Violência na escola. I. Schroeder, Tânia Maria Rechia. II. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. III. Título.

CDD 20.ed. 371.782
CIP – NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Helena Soterio Bejio – CRB 9^o/965

Dedicado a Saulo Goldoni Pereira, filho amado.

AGRADECIMENTOS

Ao autor da minha fé.

À Prof.^a Dra. Tânia Maria Rechia Schroeder, que me foi muito além de orientadora. Grata por partilhar seu conhecimento e sabedoria, vivenciando comigo a lei dos irmãos.

À Prof.^a Dra. Maria Cristina Barreto e à Prof.^a Dra. Denise Rosana Moraes minha gratidão pelas preciosas contribuições no exame de qualificação e defesa deste trabalho.

Aos professores das disciplinas cursadas no Mestrado, Prof.^a Aparecida Favoretto, Prof.^a Carmem Célia, Prof.^a Ireni Zago, Prof.^a Ivete Brotto, Prof. José Carlos, Prof.^a Maria Lídia, Prof. Paulino Orso e Prof. Roberto Deitos por compartilhar vossos conhecimentos.

Ao Prof^o Dr. Fábio Lopes por semear lampejos motivadores quanto ao mestrado em suas aulas ministradas no PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional) em 2014. A motivação frutificou.

À Sandra Maria Gausmann Köerich, Assistente do PPGE, pela presteza em auxiliar-nos para além de suas funções.

Aos meus pais Hermínio e Salete pelo amor irrestrito, apoio incondicional e compreensão imensurável diante de minhas ausências.

Ao meu filho Saulo, a melhor parte de mim.

Aos meus amigos de existência e caminhada que vivenciaram minhas batalhas, incentivaram meus passos e sonharam comigo esta conquista.

Aos queridos colegas de Mestrado, que diante das circunstâncias se fizeram mais que amigos. Em especial, meu agradecimento aos queridos Alex, Cleonilde, Deyvid, Fabiana, Fernando, Flávia, Melania, Kalil, Kelley e Veronice: vocês me são irmãos.

Aos diretores do Colégio Estadual de Jardim Santa Felicidade, prof^o Edemilson Pereira e prof^a Ivone Leite, pelo apoio, incentivo e compreensão durante esta caminhada. Estendo a gratidão às colegas pedagogas, aos professores, agentes educacionais e alunos da instituição.

GOLDONI, Jakeline. **Mutação da violência escolar na sociedade pós-moderna: a efervescência do *ciberbullying***. 2017. (89 f.) Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2017. Orientadora: Tânia Maria Rechia Schroeder.

RESUMO

O fenômeno da violência e suas modulações tem sido o cerne de inúmeras pesquisas científicas. A preocupação com a modulação do fenômeno via *internet* tem sido crescente, tanto quanto sua expressão e incidência. Assim, objetivamos nesta pesquisa, tecer reflexões acerca da violência escolar na sociedade pós-moderna, expressa especificamente a partir do fenômeno *ciberbullying*. Buscamos compreender o uso do ciberespaço em manifestações de violência, intuindo analisar as possíveis consequências advindas do *ciberbullying* na vida de estudantes do Ensino Médio de instituições públicas da cidade de Cascavel. Para tanto, analisamos o discurso de alunos que vivenciaram situações de *ciberbullying*. As estratégias utilizadas pretenderam, por desígnio, apreender noções, atitudes, experiências, reações e sentimentos acerca da temática. O aporte teórico da pesquisa bibliográfica baseou-se em autores que versam sobre pós-modernidade (BARROS, 2014; MAFFESOLI 1987, 1998); violência e juventude (GADEA, 2014; GUIMARÃES, 2005; MAFFESOLI, 1987,1998; RECCHIA, 2008; SPOSITO, 1998); e ciberespaço (BARROS, 2007; CASTELLS, 2003; LÉVY, 1999; RECUERO, 2006). Optamos pela entrevista semiestruturada enquanto instrumento de coleta de dados e pautamo-nos em Bardin (2001) para a análise de conteúdo.

Palavras-chave: Violência escolar; Pós-modernidade, *Ciberbullying*.

GOLDONI, Jakeline. **Mutation of school violence in postmodern society: the effervescence of cyber bullying.** 2017. 89 p. Dissertation (Master in Education). Western Paraná State University – UNIOESTE, Cascavel, 2017. Advisor: Dr. Tânia Maria Rechia Schroeder.

ABSTRACT

The phenomenon of violence and its modulations has been at the heart of countless scientific researches. The concern with the modulation of the phenomenon through the internet has been increasing, as much as its expression and incidence. Thus, we aim in this research, to make reflections about school violence in postmodern society, specifically expressed from the cyber bullying phenomenon. We sought to understand the use of cyberspace in manifestations of violence, aiming to analyze the possible consequences of cyber bullying in the life of high school students of public institutions in the city of Cascavel. Therefore, we analyzed the discourse of students who experienced cyber bullying situations. The strategies used intended, by design, to grasp notions, attitudes, experiences, reactions and feelings about the theme. The theoretical contribution of the bibliographical research was based on authors who talk about post-modernity (BARROS, 2014; MAFFESOLI 1987, 1998); violence and youth (GADEA, 2014; GUIMARÃES, 2005; MAFFESOLI, 1987,1998; RECCHIA, 2008; SPOSITO, 1998); and cyberspace (BARROS, 2007; CASTELLS, 2003; LÉVY, 1999; RECUERO, 2006). We chose the semi-structured interview as an instrument for data collection and we used Bardin (2001) for content analysis.

Keywords: School Violence; Post modernity; Cyber bullying.

SUMÁRIO

PALPITAÇÕES INICIAIS.....	10
1 VIOLÊNCIA CIBERNÉTICA ENTRE OS JOVENS.....	13
1.1 VIOLÊNCIA ESCOLAR NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA.....	13
1.2 ATITUDES METODOLÓGICAS.....	20
2 MUTAÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA: A EFERVESCÊNCIA DO <i>CIBERBULLYING</i>.....	24
2.1 VIOLÊNCIA DA ESCOLA E SUAS MODULAÇÕES.....	24
2.2 TRIBOS URBANAS	34
2.3 CIBERCULTURA	41
3. VIOLÊNCIA VIRTUAL: O <i>CIBERBULLYING</i>.....	61
3.1 MARCAS REAIS DE VIOLÊNCIA VIRTUAL.....	65
3.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO	69
REFLEXÕES CONCLUSIVAS.....	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84

PALPITAÇÕES INICIAIS

A presente pesquisa vincula-se à linha de pesquisa Formação de Professores e Processos de Ensino e Aprendizagem do Programa de Pós-Graduação em Educação, Nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, *Campus* de Cascavel.

Para explicar os motivos que instigaram esta pesquisa faz-se necessário um retrospecto da vida acadêmica e profissional desta pesquisadora, pois esse trabalho é proveniente de inquietações oriundas da prática educativa.

O interesse pela temática relativa à modulação de violência expressa via Rede Mundial de Computadores (RMC), o *ciberbullying*¹, foi despertado em minha atividade profissional em coordenação pedagógica em instituições de ensino da Rede Estadual de Educação, na cidade de Cascavel.

Filha de trabalhadores assalariados desprovidos de instrução acadêmica, porém dotados de muita sabedoria, cresci com incentivo aos estudos. Numa perspectiva infantil acrescida à admiração de exemplos profissionais, nutri o desejo infante ser professora, e em concretização cursei Magistério (Normal) no Colégio Estadual Barão do Rio Branco, na cidade de Foz do Iguaçu.

Em 2000 fui aprovada no vestibular da Universidade Estadual do Oeste do Paraná –UNIOESTE, Cascavel, para cursar Pedagogia. Posteriormente, em 2001, sendo aprovada em concurso público para o cargo de docente na rede municipal de ensino de Foz do Iguaçu, transferi o curso, concluindo-o no Campus da UNIOESTE da referida cidade.

Buscando qualificação, cursei a pós-graduação em Métodos e Técnicas de Ensino, concluída em 2008, pela UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná), sediada na cidade de Medianeira, com Polo presencial em Foz do Iguaçu. Em 2010, conclui a segunda pós-graduação em Fundamentos Teóricos e Metodológicos dos Anos Iniciais, ofertado pela UNIOESTE, campus de Foz do Iguaçu.

Atuando como coordenadora pedagógica desde 2005 no ensino público do estado do Paraná, acompanhei a tímida e limitada inserção da informática

¹ Modulação de violência expressa via Rede Mundial de Computadores, ou seja, o *bullying* praticado em ambiente virtual.

nas escolas em que trabalhei e, posteriormente, a utilização da internet nas ações pedagógicas.

Juntamente com as possibilidades pedagógicas advindas com a implementação da internet no ambiente escolar, vieram modulações de violência que se evidenciaram com determinada intensidade a partir da popularização do acesso aos meios tecnológicos e das redes sociais via Rede Mundial de Computadores (RMC), especialmente com a facilidade de acesso pelo celular, o qual tem se configurado item de primeira necessidade para a sobrevivência de muitos adolescentes, jovens e adultos, que estão cada vez mais envolvidos e dependentes desta tecnologia.

Neste contexto, desde 2011, tenho acompanhado a evolução de incidências de *ciberbullying* entre os alunos das instituições de ensino em que tenho atuado como pedagoga. Por preocupação frente aos danos físicos e psicológicos advindos de tal fenômeno, em 2014 escolhi pesquisar a temática relativa à violência na Rede Mundial de Computadores em meus estudos de formação continuada no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), culminando em aplicação de projeto de intervenção com alunos de ensino médio de um determinado colégio central da cidade de Cascavel.

O sonho infantil de ser professora concretizou-se: cursei magistério, graduei-me em pedagogia, concluí duas pós-graduações. Vivenciei a transição da datilografia à digitação e acompanhei a evolução dos meios de comunicação, busca de conhecimento e entretenimento. O portal de acesso a universos paralelos é uma realidade, graças à popularização da internet.

Em minha infância, a televisão era o único entretenimento tecnológico ao qual tive acesso. Lembro-me do desenho animado intitulado “Cavalo de Fogo”² popular entretenimento televisivo de minha infância. O desenho, utilizando-se da linguagem metafórica da literatura fantástica, implantou em minha geração o

² *Wildfire* é o nome original do desenho televisionado no Brasil com o nome “Cavalo de Fogo”, na década de 80. Produzido pelos estúdios Hanna-Barbera, em 1986, possui originalmente treze episódios. O enredo apresenta a história da princesa Sara, que para ser salva dos maus intentos de uma bruxa chamada Lady Diabolyn, fora enviada de seu planeta Dar-Shan para um rancho em Montana sob os cuidados de um cavalo místico, falante. Aos treze anos, a menina descobre que seu medalhão é uma espécie de comunicador por onde o cavalo que a salvou é avisado quando ela está em perigo. Diante da descoberta, a menina transita entre os dois mundos através de um portal dimensional, na companhia de seu cavalo protetor, vivendo assim inúmeras aventuras. Disponível em: <http://infantv.com.br/infantv/?p=17045>. Acesso em 22/11/2016, às 14h.

anseio de vivenciar experiências em mundos paralelos. Esse anseio concretiza-se atualmente com a utilização de um portal móvel individual (notebook, celular, tablet, etc.) que favorece aos sujeitos a vivência em socialidades diversas, máscaras múltiplas com possibilidades ampliadas quanto a ser quem se deseja e não necessariamente quem de fato se é.

Assim, sujeitamo-nos aos bônus e aos ônus desta convivência de caráter ambivalente, que aproxima e distancia, acolhe e isola, amplia e reduz possibilidades, impulsiona sentimentos ambíguos, modifica aspectos relacionais e também promove modulações do fenômeno de violência, inclusive o escopo desta pesquisa, o *bullying* virtual (*ciberbullying*).

1. Violência cibernética entre os jovens.

1.1 Violência escolar na sociedade pós-moderna

A temática central desta investigação é a reflexão acerca da violência escolar na sociedade pós-moderna, concebida de maneira não mais linear mas descontínuista, expressa especificamente a partir do fenômeno *Cyberbullying*³. Buscou-se compreender o uso do ciberespaço em manifestações de violência, intuindo analisar as possíveis consequências advindas do *cyberbullying* na vida de educandos do Ensino Médio de escolas públicas da cidade de Cascavel.

As estratégias utilizadas pretenderam, por desígnio, apreender noções, atitudes, experiências, reações e sentimentos acerca da temática, - mesmo não sendo o cerne desta pesquisa a compreensão do imaginário dos adolescentes envolvidos em situações desta modulação de violência- não podemos desconsiderá-los, pois se constituem elementos inerentes ao imaginário dos sujeitos quanto à violência que, conforme aponta Maffesoli (1987), em acordo com a época, molda-se adapta-se, (re)significa-se.

As modulações da violência permeiam a sociedade em aspectos condizentes ao vivenciado pelos sujeitos da pós-modernidade: transpassam viveres da realidade transpondo-se em ambientes virtuais, legitimando práticas anteriormente veladas, fortalecidas com as possibilidades relacionais do ciberespaço.

O aporte teórico de nossa pesquisa bibliográfica baseou-se em autores que versam sobre imaginário e pós-modernidade (BAUMAN, 2005; BARROS, 2014; DURAND, 1988, 2007; e MAFFESOLI 1987, 1998) violência e juventude (MAFFESOLI, 1987,1998); e ciberespaço (LÉVY, 1999; BARROS, 2007) e, para análise dos dados coletados, os preceitos norteadores estão pautados na Análise de Conteúdos, de Laurence Bardin (2009). Para a coleta de dados utilizamos a investigação qualitativa, com recurso de entrevista semi-estruturada.

A intencionalidade desta pesquisa insta em tecer compreensões sobre o fenômeno de violência virtual entre educandos de ensino médio de instituições

³Optamos pela grafia *cyberbullying* no corpo do texto, porém, a grafia *cyberbullying* pode ocorrer quando da citação direta ou indireta de texto de outros autores. Ambas grafias são reconhecidas com o mesmo teor de significado.

públicas da cidade de Cascavel, pois se constituiu preocupação latente em meu cotidiano profissional, ao ponto de materializar-se em pesquisa e projeto de intervenção pedagógica em minha formação continuada cursada via PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional 2014/2015) do Estado do Paraná.

Inegavelmente, o avanço da ciência proporciona inúmeros benefícios tecnológicos, sendo atualmente inconcebível a perpetuação da existência humana em nosso planeta sem a inserção destes instrumentos no cotidiano da pós-modernidade, uma vez que de forma direta ou indireta, a tecnologia se faz presente na vida de cada sujeito.

Nestas duas últimas décadas, acompanhamos a trajetória da fascinante transformação na maneira de comunicação societal. Gradativamente os telefones celulares foram ocupando espaço (pela importância e tamanho) na vida dos sujeitos. Da mesma maneira, o computador foi se popularizando: de início, tanto o valor para aquisição quanto o tamanho das máquinas, que eram consideravelmente grandes e atualmente, há uma gama diversa de valores, tamanhos, capacidade de armazenamento e funcionalidades.

Outrora limitados em suas funções, diuturnamente foram avançando em tecnologia, popularidade e desejo e, juntamente com eles, suas funcionalidades e utilizações: a internet está ao alcance de um toque, as distâncias geográficas são minimizadas e sentimentos pulsantes são evidenciados na web (tanto discursos apologéticos e amor, respeito e caridade quanto discursos de ódio de diversas ordens e intensidades).

Atuando como docente no ensino fundamental anos iniciais, e, posteriormente, coordenadora pedagógica no ensino fundamental das séries finais e ensino médio, observamos transformações significativas nas atitudes de adolescentes.

Diante da vertiginosa expansão das tecnologias, o diálogo ao vivo foi substituído por mensagens de voz ou de texto, enviadas instantaneamente via celulares, *tablets* ou similares. Percebe-se uma (re)significação na maneira de crianças, adolescentes e jovens expressarem seus sentimentos.

As ofensas entre alunos/alunas que outrora eram redigidas em paredes, tampões de carteiras e comumente encontradas nas portas dos sanitários, atualmente também são enviadas em mensagens privadas ou públicas, anônimas ou não, via redes sociais em *sites* de relacionamentos ou

mensagens de celular.

Universos paralelos se disseminam via Rede Mundial de Computadores (RMC), onde os sujeitos - das mais tenras idades às mais avançadas- ampliam suas redes de contatos virtuais, engessando em parte o convívio real, e em algumas situações, tornando-se incapazes em diversos aspectos de desenvolverem a socialização nos moldes tradicionais. Assim, uma parcela da sociedade pós-moderna tem imergido, recolhida ao isolamento em recônditos universos paralelos, conectados a sujeitos que estão distantes e ao mesmo tempo isolados daqueles que estão sentados ao alcance do olhar.

No universo das relações via internet inexistem um padrão de referência ou de códigos sociais ou culturais que possam reger os indivíduos. A individualidade, a insegurança da transitoriedade, a fluidez e momentaneidade são acalentadas no indivíduo com sua inserção em comunidade, onde encontra apoio em semelhantes que compartilham de mesmos anseios, interesses e, desta forma, interagem. A ambiguidade fomenta as relações, pois a proximidade do distante está latente na mesma proporção em que a distância dos próximos se apresenta.

Maffesoli (2014) compreende a socialidade pós-moderna inserida neste contexto “*cyber*” pelo olhar apreciativo do vitalismo, pois importa valorar afirmativamente o “querer viver societal, que mesmo de maneira relativista serve de suporte à vida cotidiana vista de perto” (MAFFESOLI, 2014, p.57), uma vez que a atividade na *Web* (espaço ciber) valora as práticas de cooperação, os diálogos, as reflexões e as problematizações, numa interação mútua .

Embasados na dicotomia societal, apoiamo-nos “nos fatos menores da vida cotidiana, que são vividos por eles mesmos e não em função de uma finalidade qualquer” (MAFFESOLI, 2014,p.57). Esta mesma “estranheza” manifesta-se também nas relações sociais constituídas no *ciberespaço*, onde os “videoclipes, a publicidade, os jogos de informática, as diversas formas de “*ciberespaço*” o mostram de sobra” (MAFFESOLI, 2003, p.14).

Pierre Lévy (1999) define *ciberespaço* como espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Tal conceito inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (incluídos os conjuntos de rede hertzianas e telefônicas clássicas),

na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização.

Esta conjuntura dicotômica desvela um fenômeno de violência que tem se disseminado entre os educandos com relevante celeridade, causando malefícios de diversas ordens, chegando a níveis funestos: o *ciberbullying*.

Importa ressaltar que as pessoas não se tornaram más com o uso da internet. A Internet apenas reconfigurou posturas sociais existentes, evidenciando-as com novas roupagens, veiculadas a partir da Rede Mundial de Computadores, uma vez que vivenciamos futuro no presente, vislumbrando o passado, porquanto o “tempo determina o ser social assim como estrutura cada um de nós” (MAFFESOLI, 2005, p.17) pois “o tempo retorna” (MAFFESOLI, 2012, p.114).

Compreende-se que a violência é fenômeno inerente à existência humana, permeando-o em todos os aspectos de sua vivência, sendo expressa em suas modulações – em maior ou menor incidência -, decorrendo de situações vivenciadas, e “não se trata, portanto, de se perguntar, de uma maneira talvez supérflua, se hoje em dia existe mais ou menos violência”, mas, compreender que em sua dinamicidade, este fenômeno se apresenta enquanto “estrutura constante do fenômeno humano”. (MAFFESOLI, 1998, p.13).

A violência é um fenômeno que permeia a trajetória humana e constitui o imaginário de diversas maneiras. A consciência reflexiva acerca da realidade factual, a qual o sujeito vivencia, necessita ser estimulada e, especialmente a partir de diálogos, significar o mundo que o cerca, compreendendo-o sem imposições.

A expansão das tecnologias e a facilidade de acesso à Rede Mundial de Computadores (RMC) têm influenciado diretamente nas relações sociais de todos os que se rendem a esse mundo fascinante de conhecimentos, notícias e entretenimentos que, muitas vezes, ocupam grande parte do tempo e consomem uma considerável quantidade de energia do ser humano em atividades de qualidade variável.

De forma crescente, observa-se um aumento significativo da incidência de um fenômeno de violência entre os educandos que se utilizam das tecnologias e a rede Mundial de Computadores para disseminá-lo: o *ciberbullying*.

A discussão relativa ao uso desses recursos tecnológicos em ambiente escolar delimitou-se – até o presente momento – a postular atitudes restritivas e proibitivas, perpetuando o impasse existente entre o desejo de utilização dos celulares, *tablets*, *ipods* e similares por parte dos educandos e a restrição imposta pelas instituições escolares. Tal discordância transpôs os muros escolares, tramitando em instâncias diversas.

Em vigor no estado do Paraná desde 2014, a Lei nº 18118 (de 24 de junho de 2014), dispõe sobre a proibição do uso de aparelhos/equipamentos eletrônicos em salas de aula para fins não pedagógicos. A referida lei embasa a elaboração de regimentos internos escolares, os quais definem sanções quanto ao descumprimento da mesma, uma vez que a letra da lei não as determina. Dentre as sanções mais habituais, insta a retenção dos aparelhos eletrônicos (celulares, *tablets*, *ipad*, etc) e sua devolução aos responsáveis legais, após o cumprimento de prazo estipulado o qual apresenta variantes de instituição para instituição.

Na mesma linha de raciocínio, alguns municípios paranaenses elevaram discussões acerca da mesma preocupação, resultando em leis municipais que via de regra, em nada diferem da lei estadual. Alguns municípios, inclusive, possuem legislação anterior à estadual.

Na cidade de Cascavel, a Lei nº 4.822, de 29 de fevereiro de 2008, determina em seu artigo primeiro a proibição do uso de aparelhos em sala de aula, pois

Fica expressamente proibido o uso, por parte de alunos da rede de ensino público e privado no Município de Cascavel, de usarem aparelhos celulares, aparelhos players do tipo MP3, MP4, MP5 e I-POD enquanto estiverem em sala de aula”. (CASCAVEL, 2008)

Sendo assunto de recorrente debate, preocupação e resultante de diversas ordens de conflitos, a restrição do uso de aparelhos celulares em espaço escolar foi apresentado no Projeto de Lei 2246/2007, de autoria do deputado federal Darci Pompeo de Mattos, o qual apresentava em seu texto a proposição de vedar o uso de telefones celulares nas escolas públicas de todo país. No entanto, o projeto de lei não recebeu apoio e atualmente encontra-se arquivado, não havendo publicação quanto a justificativa para seu

arquivamento.

A principal justificativa, comum em todas as leis existentes, é respaldada pelo argumento de que estes desviam a atenção dos educandos quando utilizados em sala de aula. No entanto, não se apresenta nenhuma abordagem do assunto de maneira educativa, mas pautam-se em princípios punitivos que desconsideram aspectos relevantes à atualidade, uma vez que a consciência acerca do uso responsável de aparelhos celulares e demais dispositivos eletrônicos em sala de aula é relegado.

Particularmente percebemos que o fato de existir uma lei que proíba o uso de aparelhos celulares em sala de aula não minimiza os embates travados no cotidiano escolar, uma vez que tal proibição destoia com a realidade que vivenciamos, onde a tecnologia está cada vez mais presente na vida dos sujeitos. A escola, portanto, precisa assimilar esta possibilidade e utilizá-la enquanto recurso a somar no trabalho pedagógico e não a rechaçar como se pretende com a promulgação de determinadas leis que em sua publicação endossa sua inutilidade social.

Nesse contexto dicotômico, o *ciberbullying* tem se disseminado entre os educandos de maneira vertiginosa, pois com o advento da internet surgem novas práticas, linguagens, expressões e posturas, sendo recorrentes também os conflitos oriundos em detrimento de postagens, fotos, comentários ou “curtidas”. Sobre o crescimento do *Facebook* no Brasil, considerada a mais expressiva das redes de relacionamentos sociais da internet no Brasil, Recuero (2013) comenta que

O crescimento do uso do *Facebook*, no Brasil,[...], trouxe novos contextos para os processos de comunicação e para os discursos. Esses novos contextos permitem também que novas e antigas práticas sociais emergjam e se popularizem nas redes sociais *on-line* (RECUERO, 2013, p.01).

Dentre as práticas sociais, a violência é um fenômeno que sempre esteve presente na história. Tal prática permeia os ambientes virtuais e legitima condutas que antes eram veladas e que, atualmente, tem se fortalecido com novas e antigas roupagens.

Nesse viés, surgem inquietações que necessitam ser desveladas, no tocante a contrapontos pertinentes às reflexões que pautam este estudo: A

delimitação de espaço, a busca por reconhecimento social (do grupo), a necessidade de autoafirmação e demonstração de força/poder associadas à ausência de olhares de orientação quanto ao uso das redes sociais e a sensação de impunidade que o distanciamento virtual proporciona, faz com que adolescentes utilizem recursos da RMC para prática do fenômeno *ciberbullying*?

As inquietações ora expressas, remontam necessidades apriorísticas de apreender o fenômeno de violência. No entanto, definir conceitualmente violência constitui-se ato extremamente complexo, conforme expressa Maffesoli (1987), pois, trata-se de um fenômeno ambíguo, que tanto pode aparecer no aspecto destrutivo como no aspecto construtivo, ou seja, transita simultaneamente entre sua utilidade e sua destrutividade.

Michel Maffesoli compreende que a violência é resultado de lutas sociais⁴; da precariedade; do sentimento de inutilidade, mas também possui característica utilitária, criadora, renovadora, a qual estrutura a sociedade a partir da institucionalização da violência (Estado), de sua repressão (prisão-justiça), de sua utilização (Trabalho Social), de sua parcelarização (meio). Assim, de acordo com o autor, “[...] só podemos apreciar a violência nos limites de seu contexto social”. (MAFFESOLI, 1987, p. 41)

Sendo as modulações de violência passíveis de serem apreciadas nos limites de seu contexto social, é possível vislumbrá-las na atualidade – inclusive por sujeitos que não dominam as técnicas relativas ao convívio virtual nas relações sociais estruturadas real ou virtualmente na sociedade pós-moderna, via “sites comunitários” onde vínculos afetivos, emoções e fantasias são entrelaçados numa grande e complexa “teia”, conforme explicita Maffesoli (2010), pois “graças à internet, instala-se uma nova ordem da comunicação (...) criando assim uma nova maneira de estar junto” (MAFFESOLI, 2010, p. 41). Maffesoli reitera ainda que

Não é necessário ser fanático por essas novas tecnologias interativas para compreender a importância daquilo que se combinou chamar, justamente, de “sites comunitários”. *My space* e *Facebook* permitem aos

⁴Maffesoli (1987, p 14) considera a violência como motor principal do dinamismo das sociedades, sendo impossível eliminar a luta social, pois ela é o “ fundamento de qualquer relação social”.

internautas tecer vínculos, trocar ideias e sentimentos, paixões, emoções e fantasias. (MAFFESOLI, 2010, p.40)

Diante desta efervescente realidade, crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos aventuram-se cotidianamente no místico universo virtual que se descortina ao toque de um “clic” e neste ambiente vivenciam identidades múltiplas, vidas paralelas, amizades e relacionamentos afetivos que transcendem o virtual (ou não), despertando os mais diversos sentimentos, dentre os considerados mais nobres, como o amor, a amizade, a compaixão até os mais nefastos, como o ódio, o desprezo, o *bullying*, dentre outros.

É neste universo que tentaremos descortinar o fenômeno da violência virtual no ambiente escolar.

1.2 Atitudes metodológicas

A pesquisa desenvolvida pautou-se na abordagem qualitativa, tendo como referencial a sociologia do cotidiano de Michel Maffesoli (1998), a qual apresenta em seus princípios uma Sociologia Compreensiva, desconstruindo *a priori* a concepção de individualismo, pois o indivíduo é compreendido a partir de suas relações com o outro e nunca isoladamente, porque as partes componentes de cada sujeito são resultantes de suas vivências e experiências em relação aos demais sujeitos que fazem parte do todo.

A opção pela pesquisa qualitativa é justificável por seu caráter amplo, o qual se articula com a realidade social, considerando o cotidiano e o imaginário na pós-modernidade.

O critério de cientificidade focou-se na intersubjetividade, pois sujeito e objeto inter-relacionam-se dialeticamente, evidenciando o caráter epistemológico em busca de uma compreensão subjetiva da experiência humana, que, segundo Severino (2007, p.112) apresentam “várias possibilidades de se entender a relação sujeito/objeto quando da experiência do conhecimento, configurando-se várias perspectivas epistemológicas.”

Em face desse contexto, o universo de estudos compôs-se a partir de descrições de dados coletados via entrevistas estruturadas realizadas com quatro adolescentes, estudantes do Ensino Médio de instituições públicas da

cidade de Cascavel, Paraná, que aceitaram desvelar suas experiências dolorosas frente ao fenômeno do *ciberbullying*.

Os adolescentes entrevistados são estudantes de quatro escolas públicas distintas localizadas em bairros periféricos do município de Cascavel. A semelhança entre os bairros de localização destas instituições é o estigma de violência, abandono do poder público e baixo poder aquisitivo dos moradores.

O método de análise na pesquisa qualitativa fenomenológica perquire a compreensão, significados e não evidências ou justificativas, mas aspira à compreensão dos fenômenos, buscando o conhecimento das essências. Substituem-se correlações estatísticas por descrições e interpretações, pois a fenomenologia possui rigorosidade em seu olhar metodológico frente à realidade, configurando-se opção radical de percepção, desvelando significados, criando valores e assumindo responsabilidades.

Acerca dos procedimentos metodológicos, a pesquisa abarcou estudos bibliográficos necessários à construção do arcabouço teórico, constituiu-se em mapeamento de documentos, artigos, produções científicas (dissertações e teses) os quais subsidiaram o aporte teórico para análises e interpretações dos dados coletados. O material selecionado apreciado pelo crivo da pertinência à pesquisa, a partir de análises que possibilitaram a triagem para plano de leitura que se estabeleceu a posteriori, constituindo-se material estruturante do estudo, conforme expresso por Lakatos e Marconi

A pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução do problema levantado pode ser resolvido através desta, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto à de campo exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica. (LAKATOS E MARCONI, 1992. p. 44).

Refletiremos acerca dos dados coletados em busca de elementos de violência virtual em ambiente escolar, os quais, posteriormente serão apresentados, em acordo os pressupostos da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, que preconiza enquanto método, a análise das comunicações a partir de um conjunto de técnicas pautadas em procedimentos sistemáticos e

objetivos descritivos dos conteúdos das mensagens, pois “a análise de conteúdo se faz pela prática” (BARDIN, 2009, p.51).

Ao oferecer outra visão sobre os fenômenos, a sociologia compreensiva (do cotidiano) contribui sobremaneira às investigações acerca da violência escolar e seus desdobramentos, tais como os expressos via Rede Mundial de Computadores (RMC), travestidos em postagens, comentários e compartilhamentos com intuitos degradantes, ofensivos, humilhantes.

Destarte, é necessário desvelar os cinco pressupostos idealizados por Maffesoli (2007) apresentados em sua obra “O conhecimento comum”, constituindo-se em sua “teoria aplicada”, conforme sintetizado magistralmente por Barros (2014, p.77), sendo 1) “crítica ao dualismo esquemático, 2) a forma, 3) uma sensibilidade relativista, 4) uma pesquisa estilística e 5) um pensamento libertário.

Neste contexto, Maffesoli preconiza uma extensão de pesquisa, concebendo assim que áreas distintas de conhecimento dialoguem sobrepondo princípios sociológicos, intuindo um ensaio no qual “as respostas não estão dadas de modo *apriorístico*, em virtude do estilo ensaístico”, assim, elaborando um pensamento orgânico, pautado em noções do imaginário, postulados intrinsecamente ligados às concepções dialéticas do *instante eterno*, entre o trágico e o dramático (decorrentes de sua aproximação ao pensamento nietzschiano que discorre acerca do trágico).

No intuito de clarificar as noções de Maffesoli acerca de sua Sociologia Compreensiva, Barros (2014, p.80) assim define que a “Sociologia Compreensiva procura, em primeiro lugar, desfazer a ideia de individualismo na sociedade pós-moderna”. Sendo assim, o conceito de indivíduo em Maffesoli é pautado em relação com o “Outro, e nunca de maneira isolada”, ou seja, o “todo” somente pode ser compreendido a partir de suas partes, daquilo ou daqueles que o compõem, pois o “todo está na parte”, sendo que o “todo é a soma dessas partes” e nas partes o indivíduo se compõe, inserido no complexo território da *socialidade*.

Em termos práticos sintéticos, a Sociologia Compreensiva de Maffesoli apresenta caráter relativista, pois não existe padrão de respostas prontas, definitivas ou fechadas.

No segundo capítulo desta pesquisa, apresentaremos o fenômeno da

violência na escola, na sociedade pós-moderna, em específico discorrendo acerca da modulação expressa via Rede Mundial de Computadores (RMC), o *ciberbullying*. Refletiremos acerca da metáfora das tribos urbanas, à luz dos saberes do sociólogo francês, Michel Maffesoli, analisando as noções de máscaras e fachadas percorridas por outros teóricos. O universo paralelo da rede de internet será refletida sob o aporte teórico de autores que transitam e discorrem sobre a *cibercultura*.

No terceiro e último capítulo, discorreremos acerca da modulação do fenômeno de violência que constitui-se o bojo desta pesquisa, o *ciberbullying* e as marcas reais deste fenômeno de violência virtual. Apresentaremos os dados das entrevistas realizadas com adolescentes, estudantes do ensino médio de instituições públicas no município de Cascavel e posterior impressão conclusiva desta pesquisa.

2 Mutação da violência escolar na sociedade pós-moderna: a efervescência do *Ciberbullying*

A época troca de pele.
Michel Maffesoli

2.1 Violência da escola e suas modula es

O espaço escolar   uma mostra contundente da socialidade poliss mica, característica da pós-modernidade, dispondo de antagonismos numa proporcionalidade “de harmonia e divergência; união e rivalidade; concordantes e discordantes” (RECHIA, 2008, p 06), numa dinâmica constante de “desordem fecunda” (MAFFESOLI, 1987, p.13).

Ambivalente, o fenômeno da violência transita entre a ordem e a desordem, figurando elemento fundante da estrutura o societal e, sendo a escola uma estrutura da socialidade, nela a violência também se apresenta an micamente, contestando a ordena o formalizada, mostrando-se de maneira contundente “como forma de confronto, de denúncia e de resistência para a constru o de ordenamentos sociais mais justos” (RECHIA, 2008, p 06).

Diante de sua natureza multifacetada, antagon ica e bivalente, a violência não pode ser compreendida enquanto defini o. Maffesoli rechaça o pensamento limitador de defini es e conceitos, pois considera que tais termos impossibilitam abarcar a riqueza dos fenômenos sociais, utilizando-se então de no es ou mini-conceitos. Barazal (2014) coaduna o pensamento de Maffesoli quanto a isto, considerando que “devido   grande variedade e abrangência de suas manifesta es, a violência enquanto conceito não permite consenso” uma vez que o fenômeno da violência se manifesta nas “mais variadas formas físicas ou culturais” fazendo-se presente “tanto como ritual simbólico, quanto racionalizada nas lógicas sociais” (BARAZAL, 2014, p.77).

A no o de violência que Maffesoli apresenta   desvelada sob a perspectiva de dinamicidade societal, resultante da polissemia que configura o imaginário dos atores que a constituem. A força e a potência manifestam-se

sob diversas formas, portanto, os confrontos e conflitos, estão presentes em todas as relações humanas, sendo a luta professa nas discordâncias anômicas, evasivas, instáveis, espontâneas, discordantes e múltiplas, numa organicidade onde

a violência pode aparecer em sua forma anômica para contradizer uma ordem estabelecida em sociedades que não aceitam diferentes valores e comportamentos; nesse caso, ela pode surgir como forma de confronto, de denúncia e de resistência para a construção de ordenamentos sociais mais justos (RECHIA, 2005).

Rechia (2008) referencia-se em Maffesoli (1987), pois a violência se molda e se adapta em acordo a época, aos valores, aos comportamentos, uma vez que ela (a violência) é um componente do dado social, responsável pelo dinamismo da socialidade humana, reconhecida enquanto arcabouço fundante do fenômeno .

Tais modulações abarcam aspectos da violência fundante, que apresenta-se na estrutura societal em três aspectos distintos: violência anômica, violência banal e violência totalitária.

A primeira, a violência anômica, diz respeito à violência de caráter construtivo; A violência banal configura-se na resistência da massa, imbuída nas paixões sociais e, por último, a violência totalitária é a que se apresenta por via dos poderes instituídos, órgãos burocráticos a serviço do Estado.

Ampliando a noção acerca da violência anômica, é possível compreendê-la enquanto “violência fundadora, que mostra a capacidade que uma sociedade tem de identificar-se consigo própria, de estruturar-se coletivamente quando assume e controla sua própria violência.” (GUIMARÃES, 1996, p. 11).

Paradoxalmente, a ideia que Maffesoli desenvolve concernente ao fenômeno violência, desvela que ela (a violência) "é uma forma envolvente que tem suas modulações paroxísticas e suas manifestações minúsculas" (MAFFESOLI, 1987, p. 09). Recorrendo a elementos da narrativa fantástica, Maffesoli faz alusão ao enigma envolto no fenômeno, postulando-a como "misteriosa violência que nos obscurece, que ocupa nossa vida e nossas discussões, que perturba nossas paixões e razões" (MAFFESOLI, 1987, p. 09).

O entendimento de Maffesoli (2001, p. 46) acerca da violência é discorrida sob a ótica de seu dinamismo interno, herança comum a todo e qualquer conjunto civilizacional, constituindo-se em força e potência, expedida explicitamente ao confronto e ao conflito. Evoca ainda o autor que a monopolização do controle das modulações de violência pelos poderes instituídos, envoltos em roupagens que enaltecem a racionalidade e a neutralidade, que em essência, tendem a estabelecer domesticações de agressividades e paixões, emolduram uma ilusória tentativa de fomentar assepticamente uma normalidade societal questionável, pois “a racionalização do ritual acarreta uma monopolização da violência” (MAFFESOLI, 1987: p.18), uma vez que

não é possível analisar a violência de uma única maneira, tomá-la como um fenômeno único. Sua própria pluralidade é a única indicação do politeísmo de valores, da polissemia do fato social investigado. Proponho, então, considerar que o termo violência é uma maneira cômoda de reunir tudo o que se refere à luta, ao conflito, ao combate, ou seja, à parte sombria que sempre atormenta o corpo individual ou social (MAFFESOLI, 1987, p. 15).

Usualmente a violência é associada a poder e dominação e, sob a égide da repressão, resigna sujeitos e socialidade à modulação pulsante manifesta em potência, que para Maffesoli, “exibe certa labilidade social que é pura mobilidade. Essa pulsão, no sentido simples do termo, se manifesta em todos os níveis da existência individual e social” (MAFFESOLI, 2001, p.66). Relativo a isso, Guimarães (1990) deslinda que

enquanto a lógica do poder é a dominação, a redução ao uno, a lógica da potência conduz ao pluralismo, à diversidade do real que estrutura inteiramente a vida social em sua labilidade [...] é no embate entre poder e potência que emergem as diferentes modalidades da violência (GUIMARÃES, 1990, p. 51).

A potência, em seu termo simplificado, é uma pulsão inerente ao sujeito e à socialidade, que apesar de intelegível (termo), é plural, conduz à multiplicidade, ao pluralismo e à diversidade, numa ordenação plural que, em sua construção, pontilha rupturas continuadas que enredam o cotidiano social (GUIMARÃES, 2005). A potência, em sua essência, se trata de

uma força bem difícil de explicar, mas da qual se podem

constatar os efeitos nas diversas manifestações da socialidade: a astúcia, a auto referência, o ceticismo, a ironia e o humor negro dentro de um mundo que é considerado em crise (MAFFESOLI, 2014, p.58).

Importante valorar que as manifestações da anomia em violência expressa em estruturas revoltosas indicam a busca de estruturação, uma vez que, segundo o pressuposto maffesoliano, existe uma “revolta latente” que exprime o desejo do “querer-viver social”, pois a violência “inscreve-se num duplo movimento de destruição e de construção” a qual se apresenta com roupagens de “deseestruturação social” que invoca “uma nova construção”, reiterando sua ambivalência e dinamicidade.

O fenômeno da violência, expresso em suas mais variadas modulações, é considerado mola propulsora do dinamismo social, e seu reducionismo em conceitos e definições cujo intuito seria a racionalização do ritual ou monopolização da violência, submetendo-a a normatizações de leis que tentam definir limites aceitáveis quanto a prática da violência, desconsiderando o fenômeno e postulando “limites de violência permitidos a cada sociedade” (ODÁLIA, 1983, P.37).

A despeito de toda preocupação quanto ao controle da violência, ideário comum a todo conjunto civilizacional, na pós-modernidade percebe-se um empenho diligente para que tal controle se faça absoluto. Para tanto, monopoliza-se a força física empregada pelos poderes instituídos, exercendo-o legitimamente sob a égide da neutralidade, aplicando-se uma violência abstrata numa tentativa de se estabelecer ordem, centralidade, domesticação de sentimentos e emolduração de agressividade.

A racionalização potencializa a irracionalidade, pois a monopolização do fenômeno e suas modulações nega a essência de seu caráter ambivalente, considerando a violência apenas pelo viés da destrutividade, desconsiderando que, “a violência não apenas adquire diferentes modulações em diferentes momentos históricos, como também estabelece as regularidades que apontam para a constância de sua manifestação” (GUIMARÃES, 2005, p.07).

Nesta dimensão, a promulgação das leis intencionam normatizar condutas e consciência humana embasadas em legislações que sinalizam o aceitável e o não aceitável em relação à vida em sociedade. Assim,

legitimando-a e institucionalizando-a, uma vez que, teoricamente, as leis são propostas pelo povo e para o povo. Contradição latente, pois “a racionalização da violência resulta numa forma de viver em sociedade cuja irracionalidade é, potencialmente, cada vez maior” (BARAZAL, 2014, p.85).

Neste contexto, o emolduramento proposto pelas atitudes educacionais corroboram com a promoção de posturas de convencimento e harmonização, uma vez que a “dominação tem como resultado o controle do indivíduo por si mesmo que, através do processo educacional, aprende a regular a vida pulsional” (GUIMARÃES, 2005, p.10). Tal domínio, tanto quanto todas as demais vivencialidades sociais, é ambivalente, pois o fato de o indivíduo autorregular-se tende a ser positivo tanto quanto negativo, porquanto,

se a escola é a expressão de um eterno conflito, a violência que daí resulta deve ser objeto de uma negociação constante, cotidiana, enquanto as coisas estiverem acontecendo, e não através de planos que manipulam as ações das pessoas com a finalidade de elas descarregarem suas energias e, deste modo, serem mais pacíficas, obedientes e submissas (GUIMARÃES, 2005, p.51).

Maffesoli (1987) aponta que a racionalização do fenômeno violência resulta num paradoxo, uma vez que

a conjunção da violência e da razão é potencialmente tensa, e graças a essa conjunção, a violência pode tornar-se terror. É a partir daí que começa um desencadeamento da violência que nada pode diminuir, por sua racionalização, ela se difunde, e o aumento cada vez maior da criminalidade, da insegurança urbana, faz parte de sua instrumentalização. Além disso, particularizando a violência, ou seja, destacando-a de sua essência ritualística, o que é luta de todos contra os outros, tende a se fragmentar em luta de cada um contra todos; pequena guerrilha fundada na atomização que faz com que a violência se dilua em agressividade mesquinha e cotidiana (MAFFESOLI, 1987, p. 19).

É importante refletir a respeito dos muitos esforços existentes no sentido de normatizar as regras de condutas e vivências sociais. O mais intrigante insta que, no discurso expresso para limitar o excessivo e abusivo uso das modulações de violência na socialidade, recorre-se a outras demandas de

violência, ou seja, na tentativa de minimizar ou reprimir atos considerados violentos, alça-se de proposições, ações e discursos de mesma natureza.

Assim, recorreremos à noção de violência de Maffesoli (1987), que considera-a enquanto fenômeno que não pode ser reduzido à sua estrutura utilitária, pois ela (a violência) não é absoluta nem quantificável. Ela é mutável, dinâmica e ambivalente, não podendo ser compreendida, tampouco analisada por uma única lente.

Assim, o caráter plural da violência desvela a multiplicidade de valores e fatores da sociabilidade que resultam das vivências de cada sujeito, portanto, é cômodo nivelar posturas de embate, combate, conflitos e luta como violência, desconsiderando-se a essência de cada modulação, resultante da diversidade que o tempo histórico e social apresenta, em caráter individual ou social (MAFFESOLI, 1987).

Badia (2014) em seu artigo intitulado “A temática da violência escolar na formação docente inicial: das lacunas existentes às discussões necessárias”, apresenta reflexões acerca da presença da violência no cotidiano societal, afirmando que as vivencialidades humanas estão continuamente inebriadas deste fenômeno, sendo impossível desconsiderar seu caráter plural, ambivalente, polissêmico, uma vez que o fenômeno se expressa em múltiplas modulações e se faz presente em incontáveis valores, ritos, tratados, num constante mover de acomodação e desajustamento, de construção e destruição, de estruturamento e desestruturção.

A violência escolar se expressa nas diversas modulações, uma vez que se apresenta enquanto violência constitucional e constituinte, fenômeno compreendido pela construção social manifestada por meio da interação entre sujeitos no espaço escolar, nas suas diversas determinações culturais, políticas, econômicas e psicossociais. Nesta perspectiva, deve ser compreendido em sua modulação fundante, intrínseco à socialidade e ao convívio humano.

Neste paradoxo, observa-se uma tentativa de instauração de equilíbrio que favoreça a compreensão do fenômeno em sua essência (e não a busca de sua utópica extinção) enquanto vetor de antecipação, de caráter “utilitário, em sua antinomia, concebida enquanto violência construtiva” (MAFFESOLI, 1987, p.22) . Neste contexto, Guimarães (2005) pontua que a escola, enquanto

instituição formal onde se manifestam as mais diversas maneiras de se viver a socialidade, na sua ambiguidade,

tanto controla pela imposição das normas como protege dos excessos de tensão e violência. Mas, se a escola não ponderar e pretender uma homogeneização apaziguadora ou uma liberação total, ela deixa de controlar a violência que, exacerbada ou reprimida, transforma-a numa força unicamente destruidora. (GUIMARÃES, 2005, p.106)

A escola, neste contexto, se mostra um espaço não somente de embates ou confrontos, mas lugar de resistência, uma vez que se possibilita lançar olhares para as particularidades de cada sujeito e ao mesmo tempo, sua relação com os demais, sua transitoriedade coletiva em aspectos da ordem uno e multi, concomitantemente.

Outrossim, as tribos configuram-se socialidades que garantem a coesão dos grupos, onde munidos de suas máscaras os indivíduos unos se fundem em contexto grupal, fortalecendo seus laços em prol de unidades coletivas expressas das mais diversas maneiras, inclusive, através de modulações de violência, pois as manifestações de diversas ordens que se vê no espaço escolar (depredações, pichações, brigas, gangues) representam contundentemente a vitalidade travestida em resistência. Neste contexto,

a violência escolar pode ser entendida como uma construção social, que se dá em meio a interações entre sujeitos no espaço escolar. Enfatizando a probabilidade da violência como um processo social que compreende tanto relações externas como internas, e institucionais, em particular no que tange às relações sociais entre sujeitos diversos (PRIOTTO, 2009, p.168).

O caráter combativo ao fenômeno é expresso via sua modulação totalitária, que Maffesoli define por violência dos poderes instituídos, na qual “o ritual da violência permite à sociedade tomar consciência da sua violência e, com isso, proteger-se dela” (MAFFESOLI, 2001, p.76). Numa dinâmica cíclica, poder-se-ia afirmar que para romper com expressões do fenômeno de violência, usa-se a violência instituída, - numa tentativa de estabelecer a normalidade asséptica- ao propor domesticação das paixões e da agressividade, estruturas presentes e necessárias em toda e qualquer estrutura da vivência humana.

O fenômeno de violência no espaço escolar manifesta-se em diversas roupagens, as quais potencializam-se devido contexto local onde está inserida, pois

A violência nas escolas é um fenômeno complexo e múltiplo que necessita melhor compreensão de suas origens. O entorno e o ambiente nas proximidades da escola sendo violentos aumentam os riscos de violência na escola. A escola é um espaço que reflete as violências presentes na sociedade em geral e na comunidade onde se situa, mas a escola também favorece o aparecimento de violências. No espaço escolar podem ocorrer diversas manifestações, como a violência física; a simbólica ou institucional e as microviolências, caracterizadas por atos de incivilidade, humilhações, falta de respeito. Estes fenômenos combinam-se e se reforçam mutuamente (MALTA, 2009, p. 3074).

A violência enquanto fenômeno manifesta-se em variadas modulações, considerando-se fenômeno expresso no espaço escolar, resultante violência produzida fora do espaço escolar, as quais atravessam os limites que cercam a escola e se reproduzem nela (violência na escola). As manifestações de violência efetivadas pelos educandos, engendradas frente às especificidades das relações estabelecidas entre os sujeitos que vivenciam o cotidiano do espaço escolar (agressões verbais, morais, psicológicas; discriminação racial, de gênero, dentre outras situações).

A pluralidade que a violência apresenta no cotidiano pode ser concebida à luz da Sociologia do Cotidiano, importante contribuição ao debate intelectual pós-moderno. Destarte, importa apreender que a violência é fenômeno fundante do sujeito e da socialidade e, paradoxalmente, trata-se de constância e pluralidade, de caráter ambivalente, pois a violência compreendida “como uma das formas que move as relações humanas, não deixa de levar em conta a instabilidade social como parte de tudo aquilo que, ao invés de suprimir os antagonismos, tenta ordená-los”(GUIMARÃES, 2005, p.07).

Neste contexto dicotômico, a instituição escolar é reflexo da socialidade e num movimento cíclico de ir e vir permanente, constitui-se resultante e (re) produtora de fenômenos de violência nas suas mais diversas modulações, pois paradoxalmente à razão, a violência é permeada de irracionalidade e neste universo, sua institucionalização tende a planificar, imobilizar as diferenças,

ofuscando a riqueza da pluralidade social.

Posturas e pensamentos que empreendem intencionalidades de policiar atitudes e moldar gestos “gera uma irracionalidade cada vez maior, pois ao desvincular a violência do coletivo, o eixo entre a destruição e a construção é desequilibrado, e daí ressurgem as piores formas de modulação da violência” (GUIMARÃES, 2005, p.100).

Em termos sucintos, a “repressão homogeneizante cria uma violência manipuladora, esquadrihadora que assepsiza tudo ao seu redor e conduz inevitavelmente à violência interiorizada – a de cada um contra todos” (GUIMARÃES, 2005, p. 152). Dessa maneira, podemos compreender que qualquer tentativa de repressão da manifestação do fenômeno de violência incorre em potencializá-la, evidenciá-la.

É impraticável a aplicabilidade de emolduramentos sociais, porquanto o gesto, o corpo, as atitudes, o tempo e o espaço são vivenciados e partilhados de maneira única, significativa e personificada, e o enquadramento destes em pressupostos de domesticação, gera irracionalidade potencializada, evoca a bestialidade humana.

No ambiente escolar, espaço de construções e contradições,

Tal perspectiva que tenta eliminar a violência ou colocá-la para fora do espaço escolar faz com que se perca a compreensão da “organicidade” desse fenômeno que, na sua ambiguidade entre destruição e construção, restaura a unidade grupal e instala uma tensão permanente. Quando essa tensão é vivida coletiva e ritualmente, ela assegura a coesão do grupo; quando é impedida de se expressar, transforma-se numa violência tão desenfreada que nenhum aparelho repressor, por mais eficiente que seja, pode conter (GUIMARÃES, 2005, p.151).

Concernente à bestialidade, Maffesoli (2010) desvela o paradoxo do pensamento pós-moderno quanto o intento de domínio do espírito e do mundo, uma tratativa irracional de emolduração social baseada em regimentos, regras e conceitos. Quanto a isso, o ensaísta sensível discorre que a formação do homem ocidental

pelo viés da educação, da organização racional das

instituições, do contrato social, consiste em “extrair” (*educare*) da barbárie para a civilidade, da animalidade para a humanidade. Instituições, Nações-Estados, Estados de direito baseiam-se em tal pulsão educativa. Ao risco, como sempre é o caso quando um *modus operandi* torna-se monovalente, até mesmo monomaníaco, de acabar parando em seu contrário. Efeito perverso (*heterotelia*). No caso, a negação da animalidade termina na bestialidade, não é isso que corre o risco de acontecer com essa civilização moderna, sofisticada ao máximo? Uma sociedade vonde a ideologia do risco zero distila os *serial killers*, a insegurança cotidiana, os jogos de sufocar nos pátios das escolas, os rodeios de automóveis na periferia de nossas cidades e de outros tsunamis reais ou metafóricos, naturais ou sociais (MAFFESOLI, 2010, p. 75).

Marília Pontes Sposito (1998), discorre sobre a evolução do fenômeno da violência escolar em detrimento à realidade social, histórica e política. A autora afirma que “a análise das causas e das relações que geram condutas violentas no interior da instituição escolar impõe alguns desafios aos pesquisadores e profissionais do ensino” (SPOSITO, 1998, p. 02), pois em acordo com suas pesquisas acerca da violência escolar em instituições do Estado de São Paulo, entre os anos 1980 a 1992, as especificidades das situações, os processos abrangentes, a realidade individual e coletiva influem diretamente nas relações educacionais.

A violência escolar – que permeia nosso cotidiano – é apontada por Sposito como um tema insuficientemente investigado em nossa sociedade. Segundo a autora, os ensaios existentes não dão conta de abarcar toda a complexidade do tema, pois “há um significativo conjunto de questões, ainda não investigadas, que afetam os processos educativos e em especial a escola na sociedade contemporânea”. (SPOSITO, 1998, p. 02)

Os pensamentos de Sposito (1998, p.03) coadunam o exposto por Maffesoli (1987) quando afirma que “os limites entre o reconhecimento ou não do ato como violento são definidos pelos atores em condições históricas e culturais diversas”, ou seja, nem todo ato considerado agressivo é verdadeiramente violento, necessitando de análise e compreensão por parte dos envolvidos, os quais os definirão, pois muito tem se associado equivocadamente como violência escolar a que se define, em essência, a atos

de indisciplina. Violência e indisciplina, apesar de considerados termos correlatos, constituem-se ações distintas e erroneamente assimiladas como sinônimas, pois

os diversos usos e significados da palavra violência ao lado de termos correlatos como indisciplina permitem alterações expressivas de significados correntes sobre o conjunto das ações escolares. Atos anteriormente classificados como produtos usuais de transgressões de alunos às regras disciplinares, até então tolerados por educadores como inerentes ao seu desenvolvimento, podem hoje ser sumariamente identificados como violentos. Ao contrário, condutas violentas, envolvendo agressões físicas, podem ser consideradas pelos atores envolvidos episódios rotineiros ou meras transgressões às normas do convívio escolar. Por essas razões, um dos aspectos ainda a serem investigados diz respeito ao modo como, no âmbito da instituição escolar, são construídas as definições que designam e normalizam condutas - violentas ou indisciplinadas - por parte dos atores envolvidos: professores, alunos, funcionários, pais, entre outros (SPOSITO, 1998).

Nesta perspectiva, é necessário lançar olhares compreensivos acerca do espaço escolar e toda a organicidade que nela e dela emanam. As contradições, o antagonismo, a bivalência expressam as tensões das relações sociais. Destarte, a dinâmica do cotidiano escolar (incluindo as práticas de agressões), na tentativa de superar as modulações de violência expressas neste espaço, preocupa-se em postular possibilidades em prol de torná-la para além de espaço de contradição, mas de consolidação da socialidade orgânica . Assim,

Compreender as práticas de agressão e superá-las demandam esforços de entendimento sobre os caminhos que permitirão a ação socializadora da escola, ampliando com novas atribuições as consolidadas representações do mundo adulto em torno da ascensão social. (SPOSITO, 1998, p. 02)

Em consonância ao exposto no pensamento de Sposito, pode-se compreender a noção de tribalismo (tribos urbanas) preconizada por Maffesoli, a qual está centrada na lógica dos laços de valores, da afetividade, do simbolismo, do querer “estar junto”. Noção esta, que desvelaremos a seguir.

2.2 Tribos urbanas, máscaras e fachadas

Tribos urbanas é uma terminologia maffesoliana relativa a pequenos grupos compostos por *personas* que partilham de gostos musicais e/ou estéticos, ideias, princípios, particularidades. Tais partilhas identitárias reforçam sentimentos de pertencimento, acolhimento, proteção, tolerância, exclusividade. No entanto, algumas tribos urbanas, no contexto de sua comunidade emocional de laços de pertencimento, acabam por expressar suas associações de pertencimento grupal, em modulações de violências, numa expressão contundente de fomentar, mesmo que a contra gosto, um aceite, um pertencimento, um reconhecimento societal.

Face ao contexto societal transitório, importa atentar para o “caráter efêmero desses laços associativos ou neotribais, sua fluidez e flexibilidade” (GADEA, 2014, p.18). Gadea (2014), discorrendo em relação ao pensamento de Maffesoli sobre tribos urbanas, postula que

A sociabilidade em transição que nos sugere esse processo de neotribalização anuncia a passagem de uma ordem e princípio comunicacional e simbólico individualista para um relacional e, de forma análoga, a passagem de um princípio político para outro, e caráter estético. (GADEA, 2014, p.18)

A metáfora das tribos urbanas apresentada por Maffesoli (1998) “traduz muito bem o aspecto emocional, o sentimento de pertença e a ambiência conflitual” (MAFESSOLI, 1998. p. 195) vivenciada pela juventude. Para as tribos importa estabelecer laços, conexões e afetos,

essas tribos privilegiam o mecanismo de pertença. Qualquer que seja o domínio é necessário participar, mais ou menos, do espírito coletivo. []...e a integração ou a rejeição dependem do grau do “feeling” experimentado, ou pelos membros do grupo, ou por seus postulantes. (MAFESSOLI, 1998. p. 195)

O espírito coletivo perpassa o individualismo. “O coeficiente de pertença não é absoluto” (MAFFESOLI, 1998, p. 202), uma vez que o princípio das tribos urbanas é possibilitar que a persona participe de diversas tribos, em acordo com suas especificidades, valores, interesses, num permanente e infinito “borboletear”, irrompendo territórios, ideologias, tribos. Maffesoli expressa o paradoxo da completude das tribos, considerando caducos os pressupostos do individualismo.

No pensamento maffesoliano, cada pessoa é infinitamente difratada em momentos, instantes eternos. Assim, “cada ator é menos agente do que agido”, permeando numa “miríade de tribos” de caráter ambivalente, transitáveis entre posturas de “segregação e de tolerância, de repulsa e de atração” (MAFFESOLI, 1998, p. 204), prevalecendo “afinidades eletivas”, destituindo as identidades (conotação ideológica)⁵ por identificações (conotação imaginal)⁶, e assim

somos confrontados às “máscaras” e que nós temos menos uma identidade do que identificações. A aquisição da identidade era até agora o ápice da educação, o apogeu da socialização. Mas nós assistimos agora à passagem da identidade para as identificações múltiplas. É essa passagem que me parece fundar o nascimento; talvez seja melhor dizer o renascimento de formas tribais de existência. O tribalismo é, assim, uma metáfora útil para tentar, provisoriamente, notar a saturação em que o indivíduo ou o individualismo foi questão e do fato de que, a partir de agora, enfumaçaram-se em proveito de micro conjuntos, de formas comunitárias. Frequentemente, temos o hábito de insistir, nos dias de hoje, no indivíduo ou no individualismo. De fato, agora prevalecem as “afinidades eletivas” que não são mais o feito de alguns, mas o feito de um grande número de pessoas, constituindo-se em tribos (MAFFESOLI, 2004b, p.28).

Diante da abrangência de possibilidades que as tribos abarcam e ofertam aos indivíduos, em especial no tocante ao sentimento de pertença, a ideia de autonomia necessita ser cambiada por outra terminologia que melhor expresse a concepção de existência para o outro, uma “fragmentação do

⁵ “A identidade seria uma característica da modernidade, ao passo que a identificação da pós-modernidade”. (BARROS, 2014, p.17)

⁶ BARROS, 2014, p.17

indivíduo em pessoa plural”. (BARROS, 2014, p.17). Neste viés, Maffesoli propõe o termo “heteronomia” como sendo mais adequado para exprimir o imaginário de socialidade pós-moderno.

É aí que a ideia de autonomia, que era constitutiva da modernidade, cede lugar a outra coisa. Poderíamos falar de heteronomia, que designa o fato de que eu não seria mais a minha própria lei. Minha lei é outra. Eu existo somente no e para o espírito do outro, somente no e para o olhar do outro (MAFFESOLI, 2004, p.28).

A heteronomia maffesoliana não condiz com a comumente dissipada compreensão do termo (no sentido de submissão plena, ou obediência passiva), mas, deve ser assimilada enquanto olhar-se e reconhecer-se no olhar do outro, conforme Barros (2014) sintetiza, “só nos reconhecemos no outro” (BARROS, 2014, p.17).

No tocante às modulações do fenômeno de violência no espaço escolar, elas se fundamentam e se difundem de diversas formas, momentos, expressões. As contradições, latentes no espaço escolar, fruto de sua dinamicidade, necessitam ser compreendidas em seus aspectos ambivalentes, pois refletem os avanços, os entraves, as regularidades e irregularidades que imergem das vivências humanas e suas relações societárias, pois “a violência em suas diversas modulações, é a herança comum a todo e qualquer conjunto civilizacional” (MAFFESOLI, 1987, p. 13).

Importa ressaltar que as modulações do fenômeno em foco não são distinguíveis ou tabulados em acordo com classe social, poder aquisitivo, nível de instrução. Tampouco se pode categoriza-las enquanto expressões de grupos religiosos ou não religiosos, ou relativas à cor de pele, cabelos ou olhos. Ou ainda postular que atitudes violentas são recorrentes entre filhos de pais separados ou de famílias multiparentais.

Pensamentos reducionistas e segregadores em nada contribuem para a compreensão da totalidade do fenômeno violência, e sim, corroboram com a multiplicidade e disseminação vertiginosa de modulações de violência cada vez mais nefastas, conforme reitera Rechia “Ao tomarmos partido pela segregação de grupos, bairros, locais e pessoas, deixamos agir dentro de nós a violência discriminadora e desencadeadora de outras violências” (RECHIA, 2008, p. 04).

Na metáfora das tribos, Maffesoli apresenta a compreensão das máscaras, a atuação dos sujeitos diante dos papéis que desempenha no seio de diversas tribos, figuradas através de vestuários (moda), cores específicas, cortes e cores de cabelos, tatuagens, adereços, *piercings*, etc. A máscara oportuniza a idealização e concretização do eu efetivo ou a expressão do eu momentâneo, em acordo com a tribo.

A permanência das pessoas nas tribos é sempre fugidia, elas mudam constantemente de grupos como também participam de vários grupos ao mesmo tempo, pois a finalidade das tribos é apenas estética, compartilhar gostos e interesses em comum. O que é importante na intensidade do momento é a perseguição do prazer pelo prazer (SILVA, 2010, p.06).

Relativo às máscaras e juventude, José Machado Pais sublinha que a juventude se utiliza de termos que auxiliam na construção da imagem que se quer representar, em acordo com a realidade que se quer mascarar ou evidenciar. Postula, no entanto, que as representações são úteis para que se compreenda a construção social desta juventude e respeite-se o que eles de fato são ou almejam ser, pois

Os jovens são o que são, mas também são (sem que o sejam) o que deles se pensa, os mitos que sobre eles se criam. Esses mitos não refletem apenas a realidade, ajudam-na também a instituir-se como uma idealização ou ficção social. O importante é não nos deixarmos contagiar por equívocos conceituais que confundem a realidade com as representações que a conformam ou dela emanam (PAIS, 2008, p. 08).

As representações (máscaras) constituem-se artifícios da juventude na busca de uma homogeneidade aparente, não real, uma vez que o fato de compartilharem de mesmas ideias, gostos musicais, estilo de moda (vestuário e cabelo) ou identificarem-se por suas tatuagens e *piercings*, são plenamente distintos em essência, pois os jovens são muito diferentes entre si, assim como todo ser humano. Por conseguinte, “o transe ou a moda mostram-nos a pluralidade das relações que vão constituir a pessoa na sua relação consigo mesmo, com outrem e com o mundo” (MAFFESOLI, 1996, p. 277).

A simulação (máscaras) individual se configura em diversas facetas distintas teatralizadas na estrutura social, pois a *persona* adapta-se, molda-se,

(re) estrutura-se em acordo com as ambiguidades instituídas, pois a “máscara, a polidez, os costumes, o conformismo, enfim, tudo o que expressa a duplicidade constitui uma proteção (GUIMARÃES, 2005, p.17).

Para Maffesoli (1996), o eu é apenas constituição ilusória, porquanto existimos na coletividade, na estrutura societal de caráter plural, ambivalente.

Vivenciamos personagens, em acordo com a situação que se apresenta, pois nos revestimos de máscaras mutáveis, adaptadas a cada momento, interesse e necessidade, relativizando verdades e estabilidades, uma vez que a “máscara que vestimos, na verdade, é momentânea. Ela surge em função de tal ou tal ocasião. Privilegia o presente, até mesmo o instante” (MAFFESOLI, 2012, p. 100).

À vista disso, travestir-se em prol do momento justifica a existência, uma vez que concomitantemente a máscara sugere ocultação e demonstração, pois ao tempo que possibilita esconder-se, amplia a possibilidade de revelar-se, numa dinâmica provocantemente excessiva e sutil. A máscara possibilita ao sujeito uno tornar-se diverso, múltiplo, mutante, pois

No quadro de uma sociedade complexa, cada um vive uma série de experiências que não têm sentido senão dentro do contexto global. Participando de uma multiplicidade de tribos, as quais se situam umas com relação às outras, cada pessoa poderá viver sua pluralidade intrínseca; suas diferentes “máscaras” se ordenando de maneira mais ou menos conflitual, e ajustando-se com as outras “máscaras” que a circundam (MAFFESOLI, 2014, p. 267)

Goffman (2011) coaduna com Maffesoli no tocante ao conceito de simulação, utilizando-se da noção de fachada. Segundo ele, a fachada é uma delineação da estampa do eu, a qual apresentamos em acordo com termos e atributos sociais aceitáveis em âmbito da coletividade, ou seja, desvela-se a faceta que socialmente é aceita e oculta-se o que se repudia socialmente.

A fachada, portanto, não é inerente ao sujeito, trata-se de subterfúgio difuso que aflora em acordo com o fluxo dos eventos cotidianos, manifestando-se pluralmente, sem necessariamente a ocorrência de eventos pontuais. A fachada é mutante, flexível, intermitente. Recorremos à fachada, em acordo com nossas necessidades acentuadamente latentes ou mais sutis. Nos

descontinuamos, nos construímos e reconstruímos diuturnamente e nos amparamos nas fachadas (máscaras) para vivencializar ou reprimir as paixões mais pulsantes, os sentimentos latentes, os desejos secretos.

Concernente ao fenômeno da violência e suas modulações, Maffesoli (2011) apresenta a palavra “*monstração*” que, do francês arcaico, refere-se aos aspectos monstruosos que se apresenta na “natureza das coisas”, ou, nas palavras do romântico sensível,

Trata-se de uma dessas banalidades de base que é sempre importante lembrar, pois temos tendência, no moralismo ambiente, a esquecer seu alcance. Banalidade conservadora da vitalidade popular. [...] Em primeiro lugar, o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, não são tão radicalmente separados como gostaríamos que fossem. Daí a necessidade, na monstração, de integrar o que, mesmo sendo “monstruoso”, não é menos humano. O que induz a um pensamento da ressonância. Talvez da redundância (MAFFESOLI, 2011, pg 322).

Maffesoli (2011) reafirma que as atitudes humanas, mesmo as consideradas bizarras ou monstruosas, devem ser compreendidas enquanto fenômeno.

Neste sentido, as máscaras são evocadas enquanto possibilidades de mobilidade societal, possibilitando aos sujeitos a liberdade de transitar em ambientes distintos e aceitar-se e ser aceito neles e por eles, mesmo que sejam plenamente diversos, porquanto, o que se apresenta pontualmente é a necessidade de desenvolver o sentimento de pertencimento, de identificação, uma vez que ao avançar travestidamente mascarado, há o fortalecimento de laços comunitários.

Maffesoli (2012) apresenta que o ponto central da questão é o retorno das tribos, pois sua formatação é volúvel, variavelmente composta. A máscara que apresenta varia em acordo com a tribo que se presencia no instante, ampliando a dimensão de pertencimento de tribos (plural), em função da máscara que se veste. Conceitualmente, Maffesoli sintetiza que a máscara é o pretexto do eu, pois o “eu é apenas uma ilusão ou, antes, uma busca um pouco iniciática; não é nunca dado, definitivamente, mas conta-se progressivamente, sem que haja, para ser exato, unidade de suas diversas expressões”

(MAFFESOLI, 1996, p. 303).

Segundo a noção expressa por Maffesoli (1996), a persona (sujeito) pode apresentar aos demais a máscara que seja mais significativa em acordo com a situação que seu papel exija naquele momento, podendo ser evocados elementos subjetivos ou ocultos, configurados especialmente para cada ocasião societal. Dessa forma, emoldura-se a noção de indivíduo uno e plural, concomitantemente, pois

Ao mesmo tempo em que se observa a saturação do indivíduo indivisível e uno, há uma emergência da pessoa (persona ou máscara). A pessoa, pois, tem várias máscaras a sua disposição. Ela é, estruturalmente, plural, não mais uma identidade, mas antes, pertencente ao universo das “identificações múltiplas”. A ideia de pluralidade do ser era considerada uma espécie de esquizofrenia (esquizo significa corte). Vou me expressar através de máscaras sucessivas. Muda a concepção temporal. No individualismo, o que está em jogo é o futuro. Na pessoa, o que está em jogo é o instante eterno (MAFFESOLI, 2008, p. 09).

A ideia de pluralidade maffesoliana presente nas tribos está pautada no instante eterno, nas emoções partilhadas, nos ritos particulares, no cimento social que possui função agregadora neste universo estruturalmente múltiplo da pós-modernidade e, neste universo fundante, as máscaras consolidam esta multiplicidade do indivíduo plural e único, pois ao observarmos a saturação do indivíduo uno e indivisível, existe uma necessidade emergencial de ser plural.

O pensamento relativo às máscaras nas noções de Maffesoli é similarmente compartilhado por Gadea (2014) quando pontua acerca de identidades diversas que o jovem imprime, uma vez que “múltiplos mundos sociais desenham múltiplas experiências sobre o ser jovem” (GADEA, 2014, p.17) que frente às pressões dos condicionantes e limitações que a socialidade contemporânea lhe impõe na vivência coletiva, o impele a um processo de “individualização” estruturada na coletividade de caráter múltiplo, diferenciado e policontextualizado.

Neste viés, o jovem é pressionado a ativar sua potencialidade reflexiva, elaborando estilos de vida, identidades, personas. Neste universo possibilitacional, se hipoconcentram as tribos, pois são nos fatos menores da vida cotidiana que a juventude vivencializa a vida vista com proximidade,

vivencializada com a paixão característica da vitalidade essencialmente juvenil. A busca pela territorialidade virtual também é característica marcante da juventude que busca pertencimento e fortalecimento de identidade, uma vez que

A ausência de materialidade dos ambientes multiusuário online não impede que os processos de apropriação social que os qualificam como lugares virtuais se desdobrem em sentimentos de posse e pertença, caracterizando a vinculação identitária mais intensa que associamos aos territórios (FRAGOSO, 2010, p.05).

A noção de tribos apresentada por Maffesoli (1998) é suplantada por Gadea (2014) pela noção de “rede”, a qual desenha infinitas e inimagináveis ramificações e conexões, impregnadas de paradigmas, uma vez que é “na medida em que se faz presente o hibridismo e a contaminação de uma multiplicidade de códigos estéticos, valorativos e de consumo generalizado entre a juventude” (GADEA, 2014, p.19) que se tecem as conexões da vivencialidade societal caracterizada pela pós-modernidade.

2.3 Cibercultura

O virtual está estruturando uma realidade inquestionável: a das múltiplas possibilidades tribais propostas pela Rede. (MAFFESOLI, 2009, p.75)

Convivemos com uma geração de nativos digitais cujos pais/responsáveis, tutores e professores muitas vezes são analógicos.

Crianças e adolescentes nascem e vivem em um mundo inimaginável para aqueles de uma geração que sequer tinha a televisão como hábito diário no contexto familiar. Um mundo em que sistema digital e analógico se fundem e confundem, que perdem os seus limites e contornos, e onde nem sempre são as garantias necessárias para bom desenvolvimento e crescimento, diante dos desafios e encantamentos que as tecnologias ofertam.

Desta forma, a naturalização das tecnologias pelos nativos digitais se contrapõe com a ausência de experiências, conhecimento e olhares de cuidados dos adultos quanto a riscos e desafios que as atratividades tecnológicas proporcionam.

A internet configura-se atualmente o principal agente facilitador e formador das redes de comunicação da informação e tecnologia. Ela aproxima, reagrupa, (re)estrutura a vivencialidade dos sujeitos pós-modernos, uma vez que “os relacionamentos também podem avançar para o plano da virtualidade, tornando os contatos mais fáceis e frequentes e, por conseguinte, favorecendo também a manutenção e o fortalecimento de vínculos pré-existentes” (FRAGOSO,2010, p. 07). Estar desconectado ao mundo virtual, portanto, é estar excluído da economia, da política, da cultura, da vida, pois

A influência das redes baseadas na Internet vai além do número de seus usuários: diz respeito também à qualidade do uso. Atividades econômicas, sociais, políticas e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela Internet e em torno dela, como por outras redes de computadores. De fato, ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura. (CASTELLS, 2003, p. 08).

Na rede, os sujeitos (independentemente da idade), se envolvem de maneira bastante peculiar com o universo paralelo que se apresenta. Há uma linguagem própria, envolta em gírias, termos e abreviaturas usuais na comunicação entre os pares. Inegavelmente a internet reconfigurou de maneira intensa e expansiva o uso de terminologias, expressões e linguagem.

Assim, vislumbramos o reencantamento do mundo que se descortina e reinventa-se. A virtualidade se torna presente e real. Experienciamos a era do *cyber* e nela reconfigura-se espaços (*ciberespaço*) e culturas (*cibercultura*), realidades virtualizadas que se apresentam sob a égide do presenteísmo, advindo da evolução tecnológica.

Modificou-se significativamente também, a maneira dos sujeitos se expressarem, manifestarem, interagirem. Resignificou modelos de exposição, de relacionamentos e convivência, pois as personas “pós-modernas desejam incessantemente fazer parte do mundo das visibilidades, querem aparecer, para poder ser” (MOMO, 2010, p.979). Tais modificações são incontroláveis, são revolucionárias e extremamente necessárias, uma vez que a virtualidade estrutura a realidade de maneira inquestionável através das inúmeras e variáveis conexões que a Rede oferta .

A possibilidade de transfigurar-se em deuses onipresentes aflora o hedonismo em cada sujeito que, municiado de sua senha pessoal é capa de manter-se conectado há vários espaços simultaneamente, sem a necessidade real de deslocamento, pois a internet possibilita o “vibrar em comum, sentir em unísono, experimentar coletivamente, tudo o que permite a cada um, movido pelo ideal comunitário, de sentir-se daqui e em casa neste mundo” (MAFFESOLI, 2006, p.08).

Nas redes de amizade, a *religação* é vivida *por ela mesma*, sem qualquer projeção, seja qual for. Além disso, as redes de amizade podem ser das mais pontuais. Com o auxílio da tecnologia, como, por exemplo, nos reagrupamentos favorecidos pelo minitel, é no quadro efêmero de tal ou tal ocasião específica que um certo número de pessoas vai se (re) encontrar. Essa ocasião pode suscitar relações contínuas, ou não. (MAFFESOLI, 2014, p. 44).

As redes sociais são os clubes da pós-modernidade, com a facilidade de que cada sujeito pode ser “sócio” de inúmeros clubes, sem que necessariamente, haja a aquisição da “jóia” ou pagamento de mensalidade para permanência e usufruto, uma vez que as redes sociais (em sua maioria) são de acesso gratuito, uma vez que as redes, mesmo que contraditoriamente, possuem em sua essência o “querer-estar-junto”, desejo de compartilhar emoções e sentimentos, relativizando situações, ebulindo o reencantamento da vida, porquanto

Os *sites* comunitários, *blogs*, *Orkut* e outros *Twitter* lembram que o reencantamento do mundo está bem ancorado na socialidade pós-moderna [...] as tribos primitivas em torno de seus totens, os internautas contemporâneos se reúnem em torno de seus ídolos específicos (MAFFESOLI, 2012, p.101).

No cerne das tribos, pulsa o desejo de pertencimento a um grupo, a uma tribo, a sites da *web* em suas redes sociais, uma vez que se amplia a teia de contatos ao ser apresentado por alguém que conhece outro alguém que por sua vez é conhecido de outro.

Maffesoli (2010), ao refletir acerca das redes sociais da internet enaltece que os fenômenos dos encontros atentam para especificidades da socialidade pós-moderna, as quais enredadas pelo desejo e pela ludicidade em

busca do prazer, constitui-se em simplista funcionalidade .

Relativamente ao universo possibilital da internet - quanto às novas roupagens da socialidade pós-moderna- o ensaísta romântico compreende que “ao se conectarem a Internet as pessoas se encontram, se falam, se conhecem, criando assim uma nova maneira de estar junto, fundada sobre a partilha da criatividade” (MAFFESOLI, 2010, p.09).

O universo possibilital pós-moderno, exprime a vivencialidade em expressões reais ou virtuais, pois

Pratica-se comunhão de emoções ou de sensações que, sem isso, perderiam a graça. Essa partilha de emoções ou de sensações – difundida nas ações mais comuns ou cristalizada nos grandes eventos pontuais ou comemorativos (aniversários, revoluções, movimentos de massa, greves, manifestações, etc.) – é, *stricto sensu*, o que funda a vida social ou lembra a sua fundação (MAFFESOLI, 2005, p. 54 e 55)

O ser humano possui em seu bojo a necessidade de viver em socialidade, um desejo eterno de “querer-estar-junto”, uma busca incessante de identificação com o outro. Existimos pelo olhar do outro, pulsamos uma entrega latente num desejo de fundir-se e de participar de maneira única no contexto coletivo. Frente ao vitalismo pujante da tribo, verte-se o reencantamento do mundo com suas possibilidades.

Neste contexto pós-moderno, o racionalismo que inunda a internet é criticado Maffesoli (2009), que compreende este espaço (virtual) pelo viés do entendimento do mito e não apenas pela visão utilitarista. Em análise a respeito das marcas e identidades da pós-modernidade presente na *cibercultura*, Maffesoli (2009) reitera que

Cada época deve saber elaborar o atlas do seu imaginário a fim de estabelecer as marcas e identificar o rei secreto que, além do aparente, a rege em profundidade. Daí a descrição de alguns ícones, de alguns grandes temas mobilizadores, de alguns fenômenos sociais que marcam em profundidade a nossa vida. São frequentemente antigos arquétipos que se tornam estereótipos cotidianos. Eles encontram ajuda na cibercultura em desenvolvimento. (MAFFESOLI, 2009,

p.11)

Maffesoli (2009) entende que o ciberespaço estabelece e amplia possibilidades relacionais amparado na generosidade e solidariedade, pensamentos necessários enquanto noções fundantes da socialidade pós-moderna. A funcionalidade não abarca todas as singularidades. O poder das máscaras se expressa fortemente no *ciberespaço*, onde a cultura do utilitarismo se funde com a necessidade expressa do prazer, do gozo, *pois* “a *cibercultura* é, ao mesmo tempo, expressão do poder da imagem e do gozo inútil” (MAFFESOLI, 2012, p. 90).

A vitalidade que se expressa no *ciberespaço* é cimento que fortalece o corpo social, o qual constitui-se um enlace que em rede conecta sujeitos unos a pessoas plurais.

Castells (2003) sugere que estamos imersos num novo mundo da comunicação, realidade com abrangência de extensão imensurável, a qual o autor denomina como “Galáxia da Internet”, dada a sua amplitude e complexidade.

A internet fundamenta-se como ferramenta vital na vida pós-moderna. Configura-se tão importante quanto todo e qualquer espaço relacional. É entendida por suas possibilidades de trabalho, estudos, relacionamentos sociais, entretenimentos, negócios financeiros, dentre infinitas finalidades. Num olhar utilitarista, desconsidera-se os sentimentos provenientes deste universo possibilital, desabonando que “as comunidades virtuais que se criam deste modo acabam em parte resultando em comunidades reais, com as mitologias que isto não deixará de impulsionar” (MAFFESOLI, 2009, p.74).

Uma vez que “o espaço *cyber* desempenha de novo o papel de praça pública, do café do comércio ou da ágora antiga: assim correm os boatos, *buzz*, fofocas e outras novidades verdadeiras e falsas” (MAFFESOLI, 2012, p. 91), e neste contexto, “a ex-tensão dá lugar à “in-tensão”⁷ .

⁷ Segundo Maffesoli, “ Tudo é ordem da ex-tensão. A realização, individual ou social, é uma conquista. Inscreve-se em um projeto mensurável, rápido, previsível racionalmente. Recordemos, em contrapartida, que, para o zen, é se concentrando sobre si mesmo que está a certeza de alcançar seu alvo. Aqui não é a ex-tensão o que importa, mas bem mais a “intensão”. Algo que está na ordem da morosidade, da meditação, quase da suspensão do movimento. O resultado se dá, então, por acréscimo. A intenção, nesse caso, tem pouca importância para ser que se aprofunda em um presente eterno” (MAFFESOLI, 2003, p.18).

Tecendo uma analogia entre a internet e a doutrina da “comunhão dos santos”, Maffesoli (2008) instiga à seguinte reflexão:

Em síntese, não seria a internet a comunhão dos santos pós-moderna? Encontramos ali todos os ingredientes de uma nova forma de socialidade; formas de solidariedade material aos sonhos mais desenfreados. A generosidade ali tem livre curso graciosamente. Pode-se ali encontrar as ajudas mais diversas. As gerações, as crianças, jovens, adultos, velhos, encontram todos como satisfazer seus gostos, interesses, desejos. A dimensão enciclopédica de alguns sites permite satisfazer esta *libido sciendi*, este prazer de saber na fonte de todo conhecimento. As ofertas permitem trocas, discussões, encontros, todos os elementos que constituem a base do laço social. Na mundial circunavegação pós-moderna, o Google acaba de criar “OpenSocial”. (MAFFESOLI, 2008, p.74)

A ambivalência intrínseca no ciberespaço emoldura relações dicotômicas, numa constante “espaço onde tudo isso se conjuga, se multiplica e se demultiplica formando figuras caleidoscópicas de contornos cambiantes e diversificados” (MAFFESOLI, 2014, p. 267). Não há neutralidade neste espaço, sequer a garantia de segredos resguardados ou individualidades preservadas. A falsa sensação de impunidade associada à possibilidade do anonimato assegura um desvelar, um desmascarar-se frente à tela.

Balandier (1997) descortina que as noções de ordem e desordem presentes na socialidade, são imbricadas numa constante, pois “existe ordem quando os elementos [...] têm entre si um princípio de unidade que os faz participar, ao mesmo tempo de um conjunto único” (BALANDIER, 1997, 93).

No universo paralelo das relações virtuais, o tempo se (con)funde com o espaço e firma-se fortemente o paradigma efêmero que reconfigura-se numa nova roupagem o mito da comunidade. Neste cenário, paradoxalmente a existência de laços tênues podem ou não solidificar-se em duradouros e permanentes, uma vez que o *ciberespaço* tem modificado acentuadamente a dinâmica das relações de poder, de convívio, de interação social, ao passo que, ao aproximar os distantes, distancia os próximos.

Este movimento ambivalente se fortalece no ambiente virtual, instituindo relações ambíguas de amor e ódio, de amizades e desavenças, de polidez e hostilidade, apresentando nas relações as diversas modulações sociais que a

pós-modernidade, no uso do ciberespaço possibilita.

Maffesoli (2012) apresenta a noção de que o saber na era das tecnologias emana na horizontalidade, uma vez que o “ciberespaço é um laço de contornos indefinidos, infinitos, onde, de uma forma matricial, se elabora o encontro com o outro, onde se fortalece o corpo social” (MAFFESOLI, 2012, p.98).

O mesmo desenvolvimento tecnológico que aos olhares de alguns tem contribuído significativamente para o isolamento de indivíduos, inverte-se em seu contrário, contribuindo para a ascensão de uma nova cultura promovida pela Internet, onde o princípio norteador é a conectividade, o estar em contato, em comunhão, onde se percebe o fortalecimento do sentimento de pertença, reafirmando o caráter ambíguo da era da *cibercultura*.

O ciberespaço pode ser comparado analogicamente, ao mito da caverna de Platão. Na alegoria, Platão descreve homens nascidos prisioneiros, acorrentados e condenados a viver na parte inferior da uma caverna, de costas para sua entrada. Amarrados de frente para a parede do fundo são incapazes de enxergar outra coisa senão a fria, estática e mórbida parede. Nela, contemplavam o reflexo de modelos ou estátuas de animais e objetos que passavam defronte de uma fogueira situada à frente da caverna, para qual eles estavam de costas.

Os homens acorrentados consideravam como verdade aquelas sombras, pois era a única expressão a que tinham acesso. No entanto, um dos prisioneiros consegue a façanha de sair da caverna e deslumbra-se com todas as paisagens, figuras e animais que encontra. Encanta-se com o mundo real que se descortina a seus olhos e percebe que viveu enganado, ligado às imagens refletidas no fundo da caverna. Extasiado e imbuido de sentimentos de partilha, retorna à caverna para socializar a descoberta com os demais homens que nela habitam. O mundo real é descrito com tanta emoção, que soa sandice. O homem é considerado louco e a sua verdade morre com ele.

O mundo das ideias de Platão explica a realidade enquanto sombra da ideia perfeita, existente no mundo perfeito, invisível à percepção sensorial. Para muitos sujeitos, o ciberespaço é concebido como o mundo das ideias perfeitas, local onde se concretiza sonhos, ideais, desejos. Mundo ideal de possibilidades e realizações. “O Jardim do Édem” pós-moderno, que também

possui sua “árvore da ciência do bem e do mal”⁸.

O “narcisismo coletivo” encontra-se em todos os fenômenos virtuais, ligados magicamente pelos laços polarizados, longínquos e imperceptíveis, estruturando a vivencialidade do mundo *cyber*, partilhadas em sólidos pontilhados que reiteram a ambivalência da socialidade pós-moderna, uma vez que

A História, com “H” maiúsculo (a História da modernidade segura de si), abre espaço para as pequenas histórias, sem conteúdo real, mas garantindo a ligação, permitindo o liame. *Second life, Myspace, Facebook*, eis as mais variadas declinações do jogo de imagens e do gasto improdutivo. Tudo isso não serve para nada, mas enfatiza o preço das coisas sem preço. Esses *sites* são as formas pós-modernas do *potlatch* pré-moderno. O que tinha sobrado, como forma residual – na sabedoria popular que “sabe” muito bem -, de saber incorporado, que às vezes quem perde ganha. E que, no bate-papo inútil, no *blog* sem interesse ou no fórum de discussão, e até mesmo na obcenidade da *home page*, (re)encontra-se a consolidação do vínculo social. (MAFFESOLI, 2012, p. 92).

O universo encontra-se à distância de um click. A verdade se faz diante daquilo que se deseja tornar verdadeiro: relacionamentos, trabalhos, estudos, entretenimentos. Tudo acessível na rede, conforme pondera Recuero (2006), pois

Através do advento da comunicação mediada pelo computador e sua influência na sociedade e na vida cotidiana, as pessoas estariam buscando novas formas de conectar-se, estabelecer relações e formar comunidades já que, por conta da violência e do ritmo de vida, não conseguem encontrar espaços de interação social. (RECUERO, 2006, p.121)

A ambivalência também é característica contundente da Rede Mundial de Computadores (RMC), pois a sua amplitude abarca positividade e

⁸ Na alegoria bíblica, (Gênesis capítulo 2) o Jardim do Édem foi criado por Deus para ser o paraíso habitado pelo homem e por ele desfrutado sem restrição, a não ser uma única exceção: da árvore do conhecimento do bem e do mal, da qual deveria manter-se distante e em hipótese alguma deveria provar de seu fruto. Conta-se no registro, que a regra não fora mantida e, pela desobediência, o homem e sua família foi expulso do paraíso e deixaram de viver em plenitude de paz, harmonia e felicidade. Assim, teria sido o início das dores, sofrimento, violência e morte.

negatividade, construções e destruições, saúde e doenças, proximidades e distanciamentos. Vivencializamos a era digital e os nativos digitais estão cada vez mais envoltos nesta socialidade da virtualidade, inseridos no paralelismo paradoxal, porquanto, “ aquilo que delimita pode, na verdade, ser um espaço concreto, mas também pode ser uma *cosa mentale*, pode ser território simbólico, qualquer que seja sua ordem, mas que nem por isso é menos real” (MAFFESOLI, 2014, p. 251).

Neste universo paralelo, no entanto, o fenômeno de violência também se expressa de diversas maneiras, mas em específico uma modalidade tem acendido alertas preocupantes de pais e responsáveis, de educadores e de toda a sociedade. Trata-se do *ciberbullying*, que em termos gerais, configura-se violência pela conduta repetitiva e intensa de exposição indevida, intimidação, ofensas, humilhações, ameaças, dentre outras posturas, utilizando-se das tecnologias e mídias sociais para sua ação e divulgação.

Em breve pesquisa na internet, é possível constatar que a preocupação com esta modulação é, da mesma maneira que o uso da rede, universal. Diversos países, diante dos nefastos resultados desta modalidade de violência, têm se preocupado substancialmente com a sua incidência, promovendo ações que possibilitem o conhecimento do fenômeno, reflexão acerca de sua amplitude e proposições que subsidiem a minimização dos danos às vítimas e apoio aos que se utiliza de tais ações, os considerados agressores.

Inúmeras cartilhas de orientações são encontradas na *web*, em diversos idiomas, informando sobre a temática, estabelecendo limites do uso consciente da rede e promovendo apoio às vítimas e familiares para superação dos traumas. Dentre os países pioneiros desta discussão, estão países de língua inglesa (o próprio termo *ciberbullying* é da língua inglesa) como Estados Unidos, Canadá e Reino Unido, onde a temática ganhou repercussão após casos de suicídios e massacres envolvendo vítimas de *ciberbullying*, como a tragédia de Columbine, EUA, em 1999. Países como Portugal e Espanha também possuem avanços na discussão da temática, priorizando o diálogo enquanto mecanismo eficaz de combate ao incidente e medida mitigadora de danos desta modalidade.

A cartilha de Jordi Collell e Carme Escudé (2008), intitulada “*No te enredes en la red: guía para conocer el ciberbullying y algunos peligros de*

*internet y las nuevas tecnologías*⁹ (Tradução livre: Não se enrole na rede: guia para conhecer o *ciberbullying* e alguns perigos da internet e as novas tecnologias) é um dos inumeros exemplos de materiais disponíveis na web para discutir a tematica do *ciberbullying*. Os autores explicam o fenomeno de maneira bastante clarificada e pontuam a preocupação com a incidencia de vitimas com idades cada vez menores, ou seja, crianças de idades tenras estão sendo vitimas desta modulação de violencia, conforme expressam:

El maltrato entre iguales es una conducta persecutoria de violencia física y psíquica de un alumno o grupo de alumnos que atormenta, hostiga y/o molesta a otra persona que se convierte en su víctima de forma repetida y durante un período de tiempo más o menos largo: meses o incluso años. (...) Se trata de un fenómeno mundial, ya que en todos los países que ha sido estudiado de forma sistemática, se han registrado casos, aunque los índices de frecuencia varían, sustanciosamente, de unos países a otros, incluso de unas comunidades a otras. Algunos se atreven a afirmar que la violencia ha aumentado considerablemente en los últimos años, y que aparece, cada vez, a edades más tempranas. (COLLEL y ESCUDÉ, 2008, p. 01)

Os tempos pós-modernos nos enredam numa espécie de dependência de determinados recursos tecnológicos. Somos encantados pela internet e suas possibilidades, tal qual “o flautista de Hamelin” o fez com os roedores. Desconectamos-nos do real e nos conectamos ao virtual. Concretizamos virtualidades e virtualizamos realidades. Vestimo-nos de “identificações múltiplas”, de máscaras que nos permitem ser e estar onde e com quem quisermos. E, em segundos, voltarmos à realidade, se assim o desejarmos.

Quando crianças e adolescentes se inserem nas redes reais e simbólicas, exercem uma nova condição sócio-histórica e cultural que não apenas diverge com sua estrutura tradicional familiar, mas também conflitua com um sistema educacional ainda arcaico, que apesar de ter inserido paulatinamente as tecnologias, não se configura em uma estrutura educacional atrativa como se almeja.

Existe, na verdade, surrealismo vivido na utilização

⁹ Disponível em: <http://www.xtec.cat/~jcollell/ZGuia%20Ciber.pdf> . Acesso em 01/12/2016, 14h.

cotidiana dos meios de comunicação interativa. O virtual tendo ao mesmo tempo uma *eficácia* real, permitindo uma forma de gozo real, e elaborando um laço, estabelecendo uma liga, isto é, em sentido pleno, fazendo sociedade. (MAFFESOLI, 2012, p. 87).

Neste processo contraditório, crianças cada vez mais jovens adentram no universo das redes sociais, dos jogos, dos entretenimentos, dos blogs, dos vídeos. Uma avalanche de superexposição que resulta em perigos cada vez mais nefastos. Os infantes, desprovidos dos mecanismos de defesa que a dúvida e a desconfiança promovem (os quais são possíveis a partir da maturidade), tornam-se alvos fáceis da modulação de violência que tem se disseminado na web.

Neste universo, obstinadamente as diversas mídias interativas estreitaram a maneira relacional de comunicação, ampliando o campo de atuação, se fazendo presente em todos os espaços, empoderando os sujeitos numa nova percepção da ordem da desordem. Assim, as percepções, os imaginários e a maneira de vivencialidades, ampliaram-se, inclusive as modulações do fenômeno de violência.

Em acordo com Smith (2006), o *ciberbullying* pode ser considerado uma expressão do *bullying*, com uma nova conotação: o uso das tecnologias para sua disseminação. O referido autor pontua que o *ciberbullying* é uma expressão de violência que ocorre de maneira intencional, por parte de um sujeito ou de um grupo, utilizando os meios tecnológicos de acesso à internet, de maneira repetitiva e intencional, onde a vítima é exposta, hostilizada, ameaçada e ridicularizada de maneiras inimagináveis. Amado (2009), apresenta pensamento consonante ao de Smith (2006), ao afirmar que

O *cyberbullying* constitui uma nova expressão do *bullying*, enquanto agressão, ameaça e provocação de desconforto, premeditadas e repetidas, realizadas com recurso a dispositivos tecnológicos de comunicação, tais como o *e-mail*, o *chat*, o *blogue*, o telemóvel etc., contra uma vítima de estatuto semelhante mas que tem dificuldade em defender-se. (AMADO, 2009, p.303).

Os autênticos protagonistas de *ciberbullying* são adolescentes familiarizados com as Tecnologias da Informação (TICS), uma geração

caracterizada por vivenciar as facilidades tecnológicas e fazer delas extensões de seus corpos, de seus pensamentos e sentimentos; são sujeitos que experienciam a vida em rede virtual, pertencentes a comunidades em acordo com seus interesses, os quais passam horas conectados em conversas virtuais, jogos on-line, busca de filmes e músicas. Criam e recriam seus próprios espaços na rede, onde muitas vezes, não existem limitações, regras ou proibições. Barreto (2014) aponta a necessidade de se refletir acerca da “geração Y”, ou também conhecidos “como nativos digitais, geração net, geração *Google* ou *millenials*” (BARRETO, 2014, p.02).

A pesquisadora Barreto (2014) postula ainda que é importante “compreender como os jovens estabelecem suas relações de amizade a partir de interações realizadas com o auxílio da internet e de aplicativos de redes sociais instalados em seus *smartphones*” (BARRETO, 2014, p.03) para entender como são estabelecidos os vínculos sociais nesta socialidade pós-moderna, regida pela virtualidade em detrimento da realidade.

Neste viés, percebemos que o pensamento elaborado por Barreto (2014) se aproxima com a ideia maffesoliana acerca dos vínculos sociais, especificamente relativo ao convívio das tribos urbanas, uma vez que “não é à toa que as pequenas tribos que navegam pela Internet usam máscaras, nomes e vestimentas dos cavaleiros de outrora ou das mitologias antigas” (MAFFESOLI, 2012, p. 96). Tanto a socialidade real quanto a virtual somente se fortalecem quando existe um “querer-estar-junto”, um desejo pulsante comum, laços que unificam os indivíduos unos tornando-os sujeitos coletivos.

A fascinação com as tecnologias faz com que muitos jovens vivam uma cultura de isolamento dentro de suas próprias casas, sem desenvolver vínculos sociais reais, apenas relacionando-se por meio das tecnologias. Esses jovens são denominados *hikikomoris*¹⁰ ou “geração *Otaku*” e constituem preocupação em países como o Japão, onde tais posturas são cuidadosamente tratadas como questões de saúde pública, uma vez que o referido isolamento provoca

¹⁰ *Hikikomori* é um termo de origem [japonesa](#) que designa um comportamento de extremo isolamento doméstico. Os *hikikomori* são pessoas geralmente jovens, entre 15 a 39 anos, que se retiram completamente da [sociedade](#), de modo a evitar o contato com outras pessoas. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hikikomori> . Acesso em 05/12/2016 às 19h.

diversos problemas de saúde física, mental e social. Eis uma das faces preocupantes da supervalorização das tecnologias pelos sujeitos: o isolamento do mundo real para vivencialidades exclusivas da virtualidade.

Apesar de virtual, existe um rumor cultural, existencial, social na tela. Pôde-se falar, no Japão, da “geração Otaku”. No mais próximo de sua etimologia, ela está acantonada em “casa”. Mas, como em um enraizamento dinâmico, a partir daí, suas mensagens, suas ligações, suas relações se espalham através do mundo para criar comunidades virtuais e reais. (MAFFESOLI, 2012, p. 95)

Desta forma, fragiliza-se os vínculos de socialidade pele, fragmenta-se relações familiares e sociais, abandona-se estudos, trabalho e amizades e vivencializa-se as potencialidades virtuais que os jogos, as redes sociais de relacionamento e todos os demais entretenimentos que enredam este universo paralelo pode ofertar, pois os “encontros nos e a partir dos *sites* comunitários permitem viver vidas múltiplas, *second life*” (MAFFESOLI, 2012, p. 95). Neste contexto, aumenta o fator de vulnerabilidade a que os sujeitos se expõem na rede: tornam-se facilmente vítimas das mais diversas ordens, inclusive, da modulação de violência que se exprime com grande crueldade na rede, o *ciberbullying*, que “tal como no *bullying* direto, as ações são premeditadas e replicadas repetidamente com o intuito de magoar, insultar, expor propositalmente. Tais atitudes não resultam de atos isolados, mas de atitudes propositais.

Importa refletir acerca da metáfora da rede. Pretto (2008) apresenta considerações pertinentes a esta noção que tem estado em foco na atualidade. Rede é um termo amplamente utilizado para designar diversos sentidos. No universo “cyber”, rede compreende as inúmeras interligações, entrelaçamentos de estruturas, *sites*, informações, notícias, jogos *on line*, filmes, músicas e toda sorte de entretenimento, informação, conhecimento e possibilidades que se pode imaginar à distância de um toque. Pretto (2008) reflexiona que

a noção de rede diz respeito a um princípio de organização de sistemas, o qual envolve as redes tecnológicas, as redes sociais, as redes acadêmicas e, claro, as redes das redes, gerando, potencialmente, conhecimentos que podem contribuir para uma maior integração de ações e conhecimentos, dentro de um

universo interdependente. Entender os princípios que caracterizam a estrutura de rede fortalece uma perspectiva de análise da realidade, na qual os sujeitos ocupam um espaço significativo de poder, exercendo a sua capacidade de alterar essa realidade, a partir das condições constituídas historicamente. (PRETTO, 2008, p.77).

A questão relativa às vivencialidades unas é debatida por Guimarães (2005) como reflexo de uma socialidade que desmerecendo a coletividade e o viver junto, exprime seus sentimentos solitariamente, enaltecendo possibilidades de modulações de violência, uma vez que

Na medida em que as contradições e os antagonismos não são mais vividos coletivamente, as opressões do social são enfrentadas na solidão. O resultado é essa multidão solitária, vivendo sua solidão gregária na indiferenciação absoluta e com a exacerbação da agressividade sanguínea cotidiana que prevalece no mundo contemporâneo. (GUIMARÃES, 2005, p.20)

A cultura de enclausuramento associada à liberdade de acesso irrestrito aos meios tecnológicos (celular, *notebook*, *Ipad*, computadores, etc) leva muitas crianças e adolescentes ao uso desassistido dos recursos da internet, pois “o fácil acesso e a flexibilidade do uso do celular pode ter intensificado as trocas entre os adolescentes, principalmente devido ao elemento lúdico advindo da troca de mensagens” (BARRETO, 2014, p.06), colocando-os em situação de vulnerabilidade, tanto de protagonistas de *ciberbullying* quanto de vítimas desta modalidade de violência.

O *ciberbullying* é manifesto por agressores típicos, cujo perfil apresentado por inúmeros estudos apontam que as principais características destacadas são: idade, gênero, padrão físico, perfil de liderança, transtornos psicológicos, incapacidade de autocontrole e de gerir conflitos, baixa auto-estima, ausência de empatia, dentre outros aspectos. Relativamente à internet e conflitos gestados pelo uso inconsequente da rede, Castells (2003) pontua que, “muitas vezes, novas tribos surgem e se enfrentam. Isso não significa que os conflitos sejam menos agudos” (CASTELLS, 2003, p. 43).

Distante de generalizações rasas, a preocupação em apresentar o perfil do agressor é de extrema relevância, uma vez que observados tais

condicionantes, há possibilidade de intervenção em busca de auxílio para que tais posturas deixem de ser utilizadas pelos sujeitos, indicando meios para que se expresse e transponha tais dificuldades, pois tanto “a agressão, tal como a vitimação pode ocorrer em qualquer lugar e a qualquer hora” (PEREIRA, AMADO & PESSOA, 2012, p.111) frente às facilidades de acesso à internet e seus recursos.

Importante pontuar que, para a maioria dos sujeitos que praticam o *ciberbullying* e para aqueles que colocam-se como expectadores desta modulação de violência, a atitude é considerada meramente uma piada, uma brincadeira. No entanto, para as vítimas desta violência, as consequências são imensuráveis tanto físicas, mentais, psicológicas, sociais e, um fator agravante que merece muita atenção é em relação ao exposto por Willard (2007), que apresenta em seus estudos o indicativo de que “o aluno que sofre *bullying* escolar direto tem tendência, tal como as vítimas *online*, a tornar-se um agressor no ciberespaço, como forma de retaliação” (WILLARD, 2007, p.03)

Maffesoli (2012), em sua Sociologia Compreensiva, apresenta noções da pós-modernidade enquanto socialidade de sujeitos ambíguos que teatralizam sua existência no sentido trágico do cotidiano. Todas as questões são potencializadas e compartilhadas, numa nova ordem de pensamento baseada no “pacto emocional” e não mais na horizontalidade do contrato social. Desta forma, o pensamento patriarcalista de relações verticalizadas são substituídas pela irmanação, ou, lei dos irmãos (ecosofia), onde a cooperação e o pertencimento trazem o caráter de horizontalidade às relações sociais, conforme pondera Maffesoli (2012) a respeito do tempo e relativismo, pois o “tempo fará a triagem. Este é o relativismo induzido pela internet. Os avatares múltiplos, as tribos se reagrupando em torno de seus totens, a fragmentação dos saberes gera o mesmo número de manifestações” (MAFFESOLI, 2012, p. 102).

Através de pseudônimos, dos papéis desempenhados, de *home pages* verdadeiras ou falsas, cada um se investe de figuras arquetípicas e por aí se inscreve na linhagem, com a concatenação assegurando a permanência da comunidade humana. Não é à toa que as pequenas tribos que navegam pela Internet usam máscaras, nomes e vestimentas dos cavaleiros de outrora ou das mitologias

antigas (MAFFESOLI, 2012, p. 96).

Uma nova geração se funda alicerçada no presenteísmo. A tecnologia e a internet emolduram todas as relações, desde as mais solidificadas às mais frávolas. O ser humano apresenta-se cada vez mais dependente das máquinas para sua sobrevivência, e não nos referimos apenas àquelas que proporcionam qualidade de vida e salvamento em questões de saúde fragilizada. A tecnologia faz parte de nosso cotidiano e, algumas ferramentas configuram-se verdadeiras extensões de nossos corpos.

A conexão está presente em todos os lugares: desde as corriqueiras compras de supermercado à aquisição de produtos de grande monta, estão presentes códigos de barra que informam leitores eletrônicos as mais diversas informações dos produtos, desde data de produção, validade, preço, peso, etc. O dinheiro papel/moeda há muito tem sido substituído cada vez mais pelo seu valor virtual, descontado diretamente da conta bancária do usuário ao simples digitar de uma senha. Os meios de transporte cada vez mais velozes e atuais trazem aos usuários a comodidade e o conforto que toda tecnologia pode ofertar. Mesmo aqueles que se negam a participar deste universo automatizado, necessariamente precisam se inserir nele, pois todas as informações pessoais, bancárias, sociais estão concentradas em banco de dados que conectam sujeitos às novas tecnologias, mesmo quando delas não sentem-se pertencentes ou inseridos. Uma nova ordem se estabelece. Uma nova cultura. Uma nova forma de (sobre)vivência, pois

Na sociedade potencialmente hiperconectada, a cultura vive as possibilidades da colaboração, do ativismo em torno do compartilhamento do conhecimento e, simultaneamente, os conflitos nascidos das tentativas de controle e manutenção da *velha* indústria cultural. (PRETTO, 2008, p.10)

Todas as emoções encontram-se em ebulição, em efervescência, sendo impossível refreá-las no contexto em que se expressam, pois emergem de dados sociais. Na socialidade pós-moderna, virtualizada, as atitudes e sentimentos são intensos, plenos, vivencializados e compartilhados em tempo real via *Facebook*, *Twitter*, Canais do *YouTube*, postagens no *Instagram*, etc.

O contentamento e o descontentamento, a informação e a desinformação, a verdade e a invenção viralizam nas redes e sua amplitude é inimaginável, pois parafraseando o jargão popular: “caiu na rede é peixe”, em tempos de expansão das tecnologias e facilidades de acesso à internet, pode-se dizer que: “caiu na rede, é público”.

No entanto, as contradições que se apresentam não dirimem o desejo de querer estar junto, de vivenciar intensamente sentimentos, momentos e relações. Inegavelmente, as tecnologias modificaram as relações sociais e a forma como cada indivíduo se apresenta, pois

Com a Internet, passamos de uma tradição *logocentrada*, em que a palavra era soberana, a uma outra tradição, bem mais *logocentrada*, em que somente o espaço, somente o “*site*” compartilhado com outros, prevalece. Daí a impressão de *falar para não dizer nada*. Na verdade, nada se diz mas esse *nada* é essencial, é matricial. Ele dá a ser. E, por aí mesmo, faz cultura. (MAFFESOLI, 2012, p. 96).

A internet é um ambiente bivalente, polissêmico, dúbio. Seu caráter assimila e dissemina pequenas utopias porosas compartilhadas no coletivismo tribalista, que propõe um regresso às origens míticas do ser humano, onde o bem e o mal são contemplados em unidade, ressignificando assim muitas crenças e costumes à luz do politeísmo de valores mutáveis, efêmeros e instáveis. O que agora é em poucos instantes pode sofrer mutações em decorrência de inúmeras variáveis e deixar de ser.

A socialidade pós-moderna comporta sujeitos que valorizam a coletividade, o estar junto. Também evocam o culto ao corpo, ao prazer usufruído de sua sexualidade, num movimento hedonista e narcísico manifesto e potencializado em suas ambivalências, em razão de que “a socialidade não significa unanimidade, mas orienta-se para o coletivo vivido, próprio das experiências compartilhadas pela multiplicidade das redes formadas por pequenos grupos” (GUIMARÃES, 2005, p.07) e mesmo “sob a forma de agressividade ou do conflito, existe uma propensão ao reagrupamento” (MAFFESOLI, 2014, p. 146), reafirmando o desejo latente de querer estar junto.

O narcisismo pós-moderno se expressa na busca incessante de *likes*

nas postagens de *selfies* perfeitas, nos compartilhamentos de frases de impacto e auto definição e no mostrar-se feliz, belo e desejável. No universo *online* conformam-se realidades idealizadas, busca-se alternativa para sanar a solidão e o isolamento a partir de seguidores fiéis de canais de vídeos, de fotos e compartilhamentos do cotidiano em redes sociais. Contraditoriamente, anônimos tornam-se celebridades e conquistam o reconhecimento que buscam, independentemente do que se mostra para isso. As conexões justapostas unem diversos, numa unidade dos contrários, que buscam em suas comunidades (tribos) virtuais a associação e aceite de indivíduos plurais municiados de múltiplas máscaras que facilitam a teatralidade em sua socialidade

O que salta de tudo isso é uma inegável mudança no modo de viver as relações sociais. Todos os pontos fortes, a partir dos quais a modernidade as concebera, indivíduo, identidade, organizações contratuais, atitude projetiva, dão lugar a uma outra realidade muito mais confusa, sensível, emocional, de contornos pouco definidos e do ambiente evanescente. (MAFFESOLI, 1999, p.348)

Relativo ao fenômeno em foco, em específico a modulação *ciberbullying*, Amado (2010) postula alguns fatores apresentados por vítimas e agressores, dentre destaca três: fatores biopsicogênico, fatores sociogênico/familiares e fatores escolares relacionados com as vivências pessoais, conforme segue

- Fatores biopsicogênicos, tendo em conta o indivíduo e a sua personalidade, tais como: perturbações mentais e emocionais, déficit de atenção, baixo nível de auto-conceito, auto-estima, dificuldades e perturbações de aprendizagem, falta de competências pessoais tais como a empatia, etc.
- Fatores sociogênicos e familiares, tais como condições sociais, econômicas e culturais degradadas, e, muito especialmente, falta de supervisão parental.
- Fatores escolares, relacionados com as vivências pessoais (frustrantes, ameaçadoras, concorrenciais, etc.) e interpessoais (falta de regras – destacando-se a falta de regras quanto ao uso das novas tecnologias da comunicação dentro da escola -, mau clima afetivo, fraca supervisão por parte dos professores e de outros agentes educativos, mau ambiente físico e humano, falta de incentivos a práticas saudáveis (desporto, cultura, voluntariado etc). (AMADO, 2010, p.12)

Reiteramos que o cerne da questão relativa ao *ciberbullying* não está na

Internet por ela própria, mas na intencionalidade para a qual é utilizada, uma vez que o ciberespaço não torna o sujeito bom ou mau, o que ocorre é a transposição de atitudes vivenciais reais para o universo paralelo da virtualidade, uma vez que “ as tecnologias avançam a um ritmo alucinante, as crianças aderem facilmente a estas novidades e os adultos têm dificuldades em monitorizar e acompanhar a vida *online* dos seus filhos” (PEREIRA, AMADO & PESSOA, 2012, p.114). Assim, o “gosto do risco, de maneira difusa, reafirma sua vitalidade, o instinto domesticado tende a se mostrar selvagem; em poucas palavras, sob formas múltiplas, a barbárie se refere a nossa boa lembrança” (MAFFESOLI, 2010, p.01).

As consequências do *ciberbullying* são inúmeras e apresentam-se desde o desejo de isolamento social, perturbação e alteração do sono e de alimentação aos pensamentos e intencionalidades de suicídio. Pesquisadores como Ybarra, Diener-West e Leaf (2007) apresentaram resultados importantes acerca da relação tênue entre *ciberbullying* e ideação de suicídio entre adolescentes e jovens em idade escolar, uma vez que

os resultados mostram que todas as formas de *bullying* estão significativamente associadas ao aumento de pensamento sobre suicídio, mas que as vítimas de *cyberbullying* têm quase o dobro de probabilidade de tentar o suicídio do que os jovens que nunca experienciaram *cyberbullying*. (PEREIRA, AMADO & PESSOA, 2012, p.114).

O indicativo de índices de ideação de pensamentos suicidas entre vítimas de *ciberbullying* demonstra a gravidade do problema que esta modulação de violência pode sugerir.

É pertinente valorar que na dimensão que perpassa o cyberbullying (ciberespaço), a empatia pode ficar prejudicada, pois protegidos por inúmeros recursos tecnológicos, os agressores potencializam suas ações contra outra pessoa e, diferentemente das interações face a face onde a identificação é possível, as formas de agressão *online* disseminam-se de maneira estrondosamente ágil, com desencadeamento de consequências inimagináveis.

O uso particularizado dos meios de comunicação com acesso à internet por crianças e adolescentes sem a devida orientação e supervisão de adultos

responsáveis, expõe os menores a inúmeras situações de vulnerabilidade. É preciso que haja orientação, que se estabeleça regras claras de uso de tais mídias e que a supervisão dos responsáveis ocorra de maneira sistemática, para que o risco ambivalente de ser vítima ou agressor no ciberespaço seja minimizado. O equilíbrio, a sensatez, o uso responsável dos meios tecnológicos de comunicação é princípio essencial para constituição de relacionamentos solidificados e de utilização coerente do ambiente virtual.

É sabido que diante do perfil desafiador e curioso de crianças e adolescentes, a restrição do uso do ambiente virtual torna-se motivo de conflitos e desavenças familiares e que não surte o princípio que se preconiza. Posturas educativas são coerentes com as expectativas frente ao uso racional e responsável dos ambientes virtuais. Importa valorar que posturas educativas somente se efetivarão frente a compreensão real da importância, da dimensão representativa dos aparelhos tecnológicos para as crianças e adolescentes, pois através deles expressam seus sentimentos, desejos, medos, linguagens, símbolos e sonhos.

Além disso, os indicativos de proteção dos jovens incluem, necessariamente, uma atitude proativa e vigilante por parte dos pais e responsáveis. Os responsáveis, sejam pais ou tutores, necessitam estar próximos de maneira assertiva dos menores e atentos aos indicativos que sinalizam que algo no universo virtual está em desacordo.

3 Violência virtual : o *ciberbullying*

Com o advento da *internet*, a sociedade pós-moderna reconstrói diuturnamente seu formato, suas relações, suas afetividades. As relações sociais remodelam-se: maneiras antigas de vivências, de produções, de entretenimentos, de formações, de vida. Tudo se (re)significa. Pelo exposto, “as novas gerações são testemunhas disso, não são mais iconoclastas” (MAFFESOLI, 2012, p.163) e esta “efervescência juvenil”¹¹ não pode ser negligenciada. Assim,

Pode-se chamar tal conectividade um tornar-se modo do mundo no qual, como no caso de outras épocas de grande cultura, o que importa é menos o indivíduo, racional, poderoso e solitário, do que um princípio de relação, causa e efeito da exuberância vital. (MAFFESOLI, 2012, p.164).

A violência também se apresenta em nova roupagem e em diversas modulações, sendo o *bullying* virtual (*ciberbullying*), uma das modulações de violência que se apresenta e dissemina entre os educandos.

O *ciberbullying* tem sido tema de reflexão e debate, discutido amplamente em diversos ramos da sociedade civil organizada, dada a preocupante situação a que jovens estão sujeitos e à qual se expõem diariamente. Segundo Maffesoli (2012), a “imagem, o imaginário e as formas simbólicas têm um papel importante” (MAFFESOLI, 2012, p.163) , pois

A Internet irriga em profundidade as consciências. Convém, pois, tomar a sério todas estas representações. E isso é tão real que a partir do momento em que algo se torna verdade para alguém, para um grupo ou talvez uma sociedade, este algo passa a existir e merecer atenção.

¹¹ Maffesoli utiliza o termo “efervescência juvenil” pontuando que na pós-modernidade, a “pessoa plural, finalmente, substitui o indivíduo com sua identidade “indivisível” e desta maneira emerge o “fervor existencial” (MAFFESOLI, 2012, p.163).

(MAFFESOLI, 2012, p.163)

Neste contexto, modulações de violência tem representado preocupação entre educadores de diversos países, especialmente no tocante ao *bullying* e ao *ciberbullying*. Destarte, compreender as diferenças entre as distintas modulações do fenômeno é imprescindível para que atitudes de proteção sejam tomadas, pois embora ambas sejam atitudes de violência com requintes distintos, a segunda pode ser ainda mais agressiva pela rapidez de exposição da vítima e amplitude de alcance público, conforme explicita Paias (2014):

A principal diferença entre o Bullying e Cyberbullying é que este se assume como uma forma indirecta de agressão, já que o agressor se mune das tecnologias para se manter no anonimato. Outra grande diferença é que este tipo de agressão rapidamente se torna pública dada a proliferação no círculo de contactos da vítima. (PAIAS, 2014)

O *bullying* pode ser entendido enquanto modulação de violência, expressa na forma de maltrato em que criança ou adolescente, longe dos olhos de seus responsáveis, promova ações com intenção de magoar, ofender, expor, intimidar, agredir ou ameaçar outra criança ou adolescente. Com o advento da tecnologia, a pós-modernidade reconfigurou as formas de relações sociais entre as pessoas tornando-as cada vez mais virtuais. Neste contexto, as modulações de violência atravessam as fronteiras do real, pois é “caracterizado por agressões, insultos, difamações, maus tratos intencionais, contra um indivíduo ou mais, que usa para isso os meios tecnológicos” (TOGNETTA & BOZZA, 2010, p.841).

A abordagem da temática tem sido apresentada de diversas maneiras, utilizando-se de veículos distintos e de abrangência considerável, relativas às questões do fenômeno *ciberbullying*, viabilizando assim, conhecimento e reflexões, subsidiando, fomentando e sustentando o diálogo na abordagem com os adolescentes, dentre os quais, destacam-se livros, revistas, cartilhas, vídeos, filmes, animações, *sites da internet*.

Autores como Paias (2014), ressaltam que a defasagem digital existente entre pais e filhos (pais analógicos e filhos digitais), a ausência de diálogo e de olhares de acompanhamento e orientação nas atividades rotineiras dos

adolescentes e o excesso de liberdade no uso irrestrito do ciberespaço, favorecem que crianças, adolescentes e jovens atuem livremente nos ambientes virtuais, induzidos por suas emoções.

Tais emoções ambivalentes (amor-ódio; destruição-construção; satisfação-frustração), expressas em postagens de fotos, mensagens, ofensas e até mesmo elogios (diretos ou indiretos), por vezes culminam em conflitos, em divergências que perpassam os limites da virtualidade e expandem-se para a convivência do cotidiano.

[...] é importante que quer pais, quer professores possam estar conscientes de que a presença dos jovens na internet é uma realidade básica e inexorável, pelo que impera a necessidade de limitar o defasamento digital existente entre pais e filhos e a de favorecer diálogo em torno das potencialidades da internet, reconhecendo-a como parte integrante da vida dos jovens. Estar a par das novidades tecnológicas e possuir algumas competências ao nível da utilização do software, são algumas das necessidades básicas para que se possa agir preventivamente e evitar que situações de agressão virtual aconteçam. (PAIAS, 2014)

Paías e Almeida (2006) pontuam que pais e educadores precisam estar atentos às mudanças comportamentais significativas de crianças e adolescentes, que podem sinalizar que estão sendo vítimas de *bullying* ou *ciberbullying*. Tais mudanças comportamentais “se manifestam sob a forma de fobia à escola, baixo rendimento escolar, depressão e doenças psicossomáticas”.¹²

Almeida (2008) apresenta alguns sintomas indicativos de que a criança pode estar sendo alvo do *bullying*, dentre os quais, destacam-se o desânimo frente aos estudos ou de estar no ambiente escolar, muitas das vezes sendo mascarada por justificativas de mal estar físico (real ou imaginário); descontentamento com atividades que antes era prazerosa; mudança comportamental acentuada; isolamento social; agressividade infundada; baixa autoestima; necessidade constante de levar dinheiro à escola (para pagar para que os agressores não atuem), etc.

¹² Extraído do Artigo: Esteja atento ao *bullying* escolar. Disponível em: http://www.portalbullying.com.pt/artigos_semanais/EstaAtentoAoBullyingEscolar.pdf, Acesso em 25 de abr. 2014.

Na mesma perspectiva, o *ciberbullying* tem sido preocupação de muitos estudiosos, pais e professores. Materiais também abordam a temática numa gama considerável de estratégias: literatura impressa, digital, sites, *blogs*, etc.

No Brasil, os estudos acerca do *bullying* e do *ciberbullying* têm despertado atenção da sociedade, pois as incidências destas modalidades de violência estão diuturnamente aumentando, uma vez que os desdobramentos da nova realidade de relações interpessoais da sociedade pós-moderna são desafiadores e compreender tais fenômenos faz-se necessário.

Em países como Portugal e Espanha, as discussões relativas aos fenômenos ora expressos estão presentes no cotidiano da socialidade, pois há a compreensão de que “*El cyberbullying es un fenómeno de gran relevancia por su prevalencia, la gravedad de sus consecuencias y las dificultades que presenta para su prevención y abordaje*”¹³. Nesta perspectiva, existe a necessidade de se compreender os desdobramentos de tais atitudes tanto para os que atuam como promotores de violência quanto para os que são vitimados por tais ações.

A Espanha, por exemplo, mantém um protocolo de ações de prevenção e combate ao *ciberbullying*. O referido protocolo configura-se em ações desenvolvidas por uma equipe multidisciplinar constituída por pedagogos, sociólogos, psicólogos e profissionais que atuam com tecnologias e direito, com intuito de promover aporte aos profissionais da educação, no sentido de capacitá-los para que olhares estejam atentos aos mínimos indícios de presença desta modalidade de violência entre os educandos, independentemente de ocorrerem em contexto escolar, implicadas nas divergências da *ciberconvivência*, conforme expresso pelo EMICI - *Equipo Multidisciplinar de Investigación del Cyberbullying*:

Independientemente de que se manifieste o no en el contexto escolar, **la comunidad educativa debe conocer cuál es la mejor forma de detectarlo, afrontarlo y erradicarlo**, para poder así contribuir al desarrollo óptimo del alumnado.

¹³ Tradução livre: “*Cyberbullying* é um fenômeno de grande importância devido à sua prevalência, gravidade das suas consequências e as dificuldades para a prevenção e abordagem”. EMICI - *Equipo Multidisciplinar de Investigación del Cyberbullying*, 2016.

Ésta no es tarea fácil debido a las singulares características del acoso por medio de las nuevas tecnologías: anonimato, inmediatez, efecto en cadena, alta disponibilidad, diversidad de canales y procedimientos, entre otros.¹⁴ (EMICI, 2016, grifo do autor)

Importa ressaltar que, em se tratando de violência, o entendimento acerca de suas modulações nos remetem à atitudes de compreensão do fenômeno em seus aspectos fundantes, ambivalentes. O pensamento de erradicação do fenômeno é incorreto, uma vez que o mesmo não deixará de existir, mas a partir da compreensão de suas modulações, pode-se minimizá-lo.

Em Portugal, o projeto *Miúdos Seguros na Net* é um apoio às escolas, famílias e comunidades que buscam auxílio no combate ao *ciberbullying*.

Segundo Tito de Moraes (2007), é fundamental que pais e educadores estejam atentos a desvios de personalidade ou comportamentais. É fundamental que pais e responsáveis compreendam as implicações do fenômeno *ciberbullying* : há sempre dois lados da história. Uma versão é dos que sofrem desta modalidade de violência; outra versão é daqueles que se utilizam deste fenômeno. Ambos merecem atenção e precisam de apoio e auxílio, pois à sua maneira, expressam sentimentos através de atos. Para ambos, significa pedido de auxílio.

O alerta que se faz aos pais e responsáveis é que observem se seus filhos estão envolvidos em prática de violência na RMC, indicando que estejam atentos aos seguintes indicadores de que uma criança esteja vitimando outras: “1) Esconder dos pais a utilização das mídias; 2) Expressões negativas/hostis durante/após utilizar as mídias sociais; 3) Entrar em conflito ou brigas com os colegas e culpar os outros; 4) Ser amigo de colegas que vitimizam outros”.¹⁵

O olhar atento de pais/responsáveis, educadores e pessoas próximas aos adolescentes, proporcionará uma intervenção imediata na situação

¹⁴ Tradução livre para língua portuguesa: “Independentemente de se manifestar ou não no contexto escolar, a comunidade educativa deve conhecer qual a melhor maneira de detectá-lo , enfrenta-lo e erradica-lo, contribuir para o bom desenvolvimento dos alunos. Esta não é uma tarefa fácil, devido as características singulares do assédio através de novas tecnologias: o anonimato, imediatismo, efeito em cadeia, alta disponibilidade, diversidade de canais e procedimentos, entre outros.”

¹⁵ Disponível em: <http://miudossegurosna.net/blogs.sapo.pt/tag/cyberbullying> . Acesso em 27 de abr. 2016, 20h13min

conflituosa que, quanto antes verificada e mediada, incidirá em menores danos às vítimas.

3.1 Marcas reais de violências virtuais

As modulações de violência acompanham a natureza humana enquanto fenômeno fundante, ambivalente. Compreender as mutações e transfigurações que as novas redes sociais fomentam é princípio fundamental para entender a centralidade subterrânea, pois a violência deve ser apreendida “como manifestação maior do antagonismo existente entre vontade e necessidade” (MAFFESOLI 1987, p.14).

Em análise do fenômeno em tela (*ciberbullying*), é possível perceber que comportamentos agressivos, sentidos provocatórios, atitudes de represália, palavras notoriamente depreciativas, intimidações, injúrias ou críticas podem apresentar modulações mais indiretas quando manifestadas pela ironia ou pela difamação.

No contexto virtual, há agravantes quanto ao *ciberbullying*, porquanto a extensão e a rapidez com que as agressões se expressam são inimagináveis, uma vez que fotos, vídeos, comentários, *prints* são compartilhados inúmeras vezes em questão de segundos, sendo impossível à vítima sua defesa em tempo real.

No espaço escolar ocorrem as mais diversas situações relativas ao fenômeno de violência entre jovens e adolescentes: vandalismo, *bullying*, agressividade, perturbações, comportamento de oposição, dentre outros. Tais atitudes despertaram o interesse pela modulação *bullying* no pesquisador Dan Olweus, professor de psicologia pertencente ao Centro de Pesquisa de Promoção da Saúde (HEMIL) da Universidade de Bergen na Noruega, ainda na década de 70. Os estudos de Dan Olweus sobre *bullying* são considerados de extrema relevância, uma vez que sua preocupação iniciou-se ao observar as incidências de suicídio entre adolescentes vitimados por *bullyies*.

Relativas às modulações de *bullying*, estas manifestam-se em diferentes roupagens, tais como ofensas, insultos, difamações, exposição pública, agressividade física, roubos, discriminações, extorsões, assédios, abusos

psicológicos, físicos e sexuais. As atitudes podem ocorrer de maneira direta ou indireta.

A crescente popularização de meios tecnológicos e facilitação de acesso à internet, indiscutivelmente proporciona gama infinita de possibilidades benéficas, facilidades e acessos e da mesma maneira, expõe seus usuários a situações de riscos, evidenciando o caráter ambivalente do universo virtual.

A noção de *ciberbullying* foi apresentada por Bill Belsey em 2005 e resulta dos termos ingleses “*cyber*” referente à utilização das novas tecnologias de informação e de *bullying* relativo à forma tradicional de importunar, ridicularizar e ameaçar os outros de forma intencional e repetitiva. Sua disseminação ocorre via celulares com utilização de recursos de mensagens instantâneas do próprio aparelho ou associado às redes sociais (*Facebook*, *Twitter*, etc) ou via correio eletrônico através de e-mails. Em suma, o *ciberbullying* consiste num ato aplicado ao uso das novas tecnologias da informação para ameaçar, chantagear, denegrir e humilhar as crianças e jovens.

Em comparativo ao *bullying* com o *ciberbullying*, verifica-se que o primeiro é praticado em espaço reduzido (escola e arredores), enquanto o *ciberbullying* abarca um espaço maior, sem limites ou fronteiras, onde a vítima é atingida em sua rede pessoal, espaço virtual acessível a partir de código e senha pessoal, situação que sugere uma falsa sensação de segurança, privacidade. Neste espaço, podem ocorrer duas modulações específicas de *ciberbullying*, o acidental e o adicto. O primeiro é identificado como aquele que usa as tecnologias para gozar ou como forma de vingança por situações vivenciadas anteriormente. Por sua vez, o adicto é o que opta pela vingança intencional, comumente após o término de uma relação amorosa não aceita.

Desta forma, as redes sociais digitais apresentam-se enquanto canal utilizado para desvirtuar a realidade, expondo intimidades, ofendendo reputação e, na maioria dos casos, o agressor esconde-se sob a capa do anonimato ou utilizando-se de contas *fakes*, assumindo muitas vezes o perfil de um amigo ou mesmo o da própria vítima.

Os adolescentes passam muitas horas no computador e, este é considerado por eles como uma ferramenta fundamental nas suas relações sociais, por este motivo é que os pais devem ter consciência também dos

perigos aos quais os jovens estão expostos. Para além do já exposto, ressaltamos em especial a modulação de *ciberbullying* que manifesta-se ainda mais agressivo na forma como se apresenta, configurando-se *cibercrime* (crime cibernético), o *sexting*, o qual traduz-se no envio de mensagens, imagens e vídeos de conteúdos eróticos ou sexuais através da internet.

Filmar ou fotografar nus (nudes), semi-nus ou atos sexuais e divulga-los na *web* via redes sociais ou em modo privado, sem a autorização da pessoa exposta, é crime. Muitas vezes, esta violência ocorre como forma de assédio sexual ou vingança. Para além da letra da lei, as consequências negativas de tal exposição são inimagináveis. No Brasil e no mundo, são crescentes os índices de suicídio e tentativa de suicídio de jovens que sofreram esta modalidade de violência.

No contexto escolar, comumente a incidência de *sexting* ocorre quando crianças e adolescentes, envolvidos sentimentalmente com outros, concordam em trocar imagens e vídeos nus, semi-nus ou em situações constrangedoras de cunho sexual. As fotos são expostas indevidamente, e na maioria das vezes, a família dos envolvidos desconhecem a situação e até que se busque ajuda, os danos psicológicos e emocionais são incontáveis. Neste contexto, a atuação de profissionais atentos aos sinais de que algo está em desacordo é imprescindível. O tato, a habilidade, o conhecimento acerca da temática é fundamental para a abordagem correta no sentido de oportunizar auxílio aos envolvidos.

Relativamente ao *ciberbullying*, é consenso entre pesquisadores que esta modulação existe porque sua modalidade raiz (*bullying*) permanece fortemente entre os pares. O *ciberbullying*, neste contexto, constitui-se a única maneira de vingança que a vítima de *bullying* tem em relação aos seus agressores, por não conseguirem esboçar reação às agressões, seja por medo ou timidez, conforme pontua Gessinger (2007), a sensação de distanciamento físico, emoldura a coragem para reagir e agredir seus agressores, pois os ataques virtuais nunca são solitários, são “solidários”, uma vez que há sempre os dispostos a compartilhar, comentar, expor,

sem ter que sujar as mãos
sem ter nada a perder

sem o risco de pagar pelos erros que cometeu
 fácil achar o caminho a seguir
 num mapa com lápis de cor
 moleza mandar a tropa atacar
 na tela do computador
 sem o cheiro
 sem o som
 sem ter nunca estado lá
 sem ter que voltar pra ver o que restou
 com a coragem que a distância dá
 em outro tempo em outro lugar
 fica mais fácil
 fácil demais
 fazer previsões depois que aconteceu
 fácil pensar nas condições ideais
 que nunca existirão
 sempre à distância
 sem noção
 o que rola pelo chão
 não são as peças de um jogo de xadrez
 com a coragem que a distância dá
 em outro tempo em outro lugar
 tudo é tão fácil (GESSINGER, 2007)

No entanto, ao estar geograficamente distante dos agressores físicos e acolhidos pelo anonimato das postagens *fakes*, as vítimas de *bullying* sentem a segurança que a realidade não possibilita e, assim elaboram e efetivam a vingança alimentada em seus imaginários, a qual é resultante do acúmulo de repressões, raivas, medos, humilhações . Tal modulação acaba por ser muitas vezes mais violenta que o próprio *bullying*, pois sua extensão não pode ser mensurada.

3.2 Análise de Conteúdo

Relativamente à interpretação das entrevistas, Severino deslinda a importância de se compor “uma totalidade de inteligibilidade, estruturalmente orgânica, [formando] uma unidade com sentido intrínseco e autônomo para o leitor que não participou de sua elaboração” (SEVERINO, 2002 p. 148), inventariando, dessa forma, os dados coletados na amostragem com a pesquisa bibliográfica e documental, significando assim o corpus da pesquisa.

Intencionando tecer reflexões aportadas na autenticidade dos dados coletados, pautaremos-nos à luz do método de análise de conteúdo, de

Laurence Bardin. Esculpido detalhadamente, o método subsidia, orienta e confirma-se primordial enquanto referência em pesquisas de caráter qualitativo, pois a “análise de conteúdo pode ser uma análise dos “significados” [...] embora possa ser também uma análise dos “significantes” (BARDIN, 2012, p. 41), uma vez que ela trabalha com mensagens .

A análise de conteúdos preconizada por Bardin (2012) são especificadas organizadamente em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise é a fase compreendida pela leitura e organização do material a ser analisado, com o objetivo de sistematizar as ideias iniciais, tornando o material mais operacional, tendo por princípio “três missões: a escolha dos documentos [...], a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração dos indicadores que fundamentam a interpretação final” (BARDIN, 2012, p.125).

A segunda fase é a exploração do material, a qual configura-se como fase de “ aplicação sistemática das decisões tomadas” (BARDIN, 2012, p. 131), momento de codificação, decomposição, categorização.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação, e em seguida , por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidade de registro no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos características comuns desses elementos (BARDIN, 2012, p.147).

A análise reflexiva resulta da exploração do material, dos dados coletados e esta fase é reconhecidamente uma etapa ímpar, que oportuniza, à posteriori, as interpretações e inferências dos pesquisadores.

Na sequência, ocorre o tratamento dos resultados obtidos e interpretação dos mesmos, e “tratar o material é codificá-lo” (BARDIN, 2012, p. 133), ou seja, os dados são analisados com rigor científico em busca de núcleos de sentido.

Diante do aporte teórico que embasa esta pesquisa, tratamos as informações dos dados coletados com compromisso de lançar compreensão

acerca das informações apresentadas pelos entrevistados. Importa valorar que alguns adolescentes recusaram-se em participar da entrevista mesmo diante da garantia de anonimato, uma vez que relembra os fatos ocorridos causam desconforto, revolta e dor. Nestes casos, respeitando a opção de não participação, os mesmos não foram mencionados no rol de entrevistas agendadas.

Os entrevistados foram indicados por profissionais da área de educação (professores e pedagogos) que de alguma maneira acompanharam a realidade da modulação de violência deste estudo, a qual os adolescentes vivenciaram.

As entrevistas ocorreram durante o mês de outubro de 2016, época de significativa organização estudantil no Estado do Paraná, quando alunos de escolas públicas se organizaram para protestar contra a proposta de mudanças na estrutura do Ensino Médio. Na ocasião, alunos ocuparam prédios escolares, realizando atividades culturais e pedagógicas organizadas por eles, incluindo melhorias na estrutura física de muitos prédios. Segundo o *site* Ocupa Paraná¹⁶, foram ocupadas 850 escolas, 14 universidades e 3 Núcleos de Educação. Neste contexto, ocorreram as entrevistas com os estudantes que aceitaram contribuir com esta pesquisa.

Aos participantes da entrevista foi solicitada previamente a gravação, situação da qual dois aceitaram mediante a não exposição de sua imagem, sendo feita a gravação apenas de áudio, e dois participantes deram aceite mediante acordo de que a entrevista ocorreria com a transcrição da fala simultaneamente, uma vez que não aceitaram gravação de imagem e voz. Respeitando as condições, realizamos as entrevistas previamente agendadas no local especificado por cada entrevistado. As transcrições respeitaram com fidedignidade a fala dos entrevistados, preservando terminologias, gírias e abreviaturas de suas expressões orais.

As questões que os entrevistados responderam, seguiram a seguinte ordem e estrutura:

1. A internet é um universo de possibilidades, acessível a um toque. Com qual/quais finalidade(s) você mais utiliza a internet em seu cotidiano?

¹⁶ <http://ocupaparana.org/>

2. Quais redes sociais você mais acessa e quais são os principais motivos para essa escolha?
3. Quais são os critérios que você utiliza para aceitar pedidos de amizades ou para adicionar pessoas em redes sociais?
4. Como ocorreu a situação de cyberbullying que você vivenciou?
5. De que maneira você reagiu frente ao cyberbullying? Quem você procurou para solicitar auxílio para enfrentar a situação?
6. O que você sentiu diante dessa situação vivenciada?
7. Quando você relembra o ocorrido, quais pensamentos lhe vêm à mente?

A primeira questão apresentada abordava a relação pessoal do entrevistado com a internet. Os entrevistados responderam à seguinte pergunta: “A internet é um universo de possibilidades, acessível a um toque. Com qual/quais finalidade(s) você mais utiliza a internet em seu cotidiano?”

Analisando as respostas dos entrevistados, percebemos o uso da internet para fins muito específicos e comuns à idade dos adolescentes, sendo apresentada por todos como ferramenta primordial para pesquisas escolares e manutenção ou expansão de relacionamentos, via redes sociais. A busca de informações sobre assuntos diversos, o uso da RMC para militância política e uso profissional foi apresentado como opções complementares, secundarizadas, o que corrobora com a pesquisa sobre o uso da internet por adolescentes no Brasil¹⁷, apresentada pela UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), onde percebeu-se que usualmente os adolescentes “equilibram o uso da internet entre comunicação, informação e entretenimento, utilizando-a para manter contato com amigos nas redes sociais, fazer pesquisa para trabalhos escolares e participar de jogos online” (UNICEF, 2013, p. 19).

A segunda pergunta feita aos entrevistados foi: “Quais redes sociais você mais acessa e quais são os principais motivos para essa escolha?”.

Em relação ao questionamento sobre redes sociais mais acessadas,

¹⁷ Pesquisa realizada pelo IBOPE Inteligência por meio de entrevistas face a face domiciliares ocorridas no período de 11 a 22 de janeiro de 2013, entrevistando 2002 adolescentes de 12 a 17 anos (49% meninas e 51% meninos). Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/pt/br_uso_internet_adolescentes.pdf Acesso em 03/01/2017, 18h.

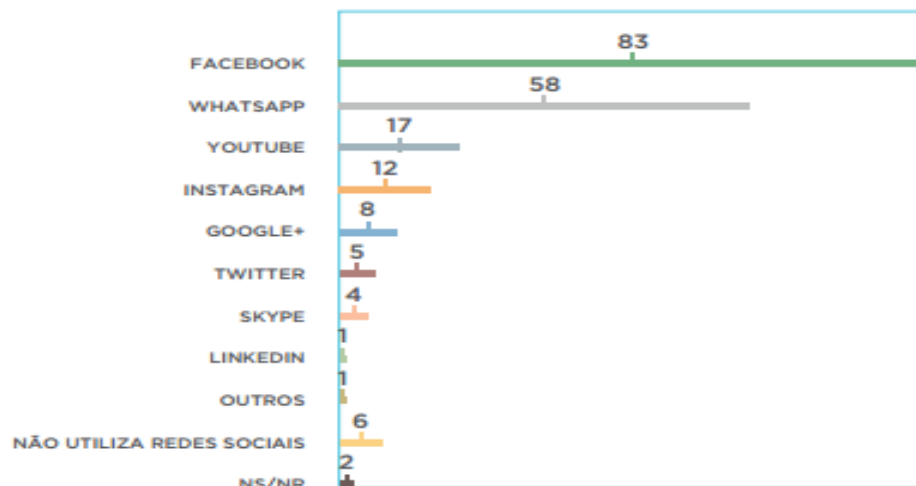
percebemos que o *Facebook* e o *Watsapp* foram as duas principais redes sociais utilizadas pelos adolescentes, fato que não causa estranheza, uma vez que são as duas redes sociais mais expressivas no Brasil. O *Facebook* atingiu em 2015 a marca de 103 milhões de usuários no país, sendo que 54% das contas são pertencentes ao público feminino (dados da pesquisa *Digital In 2016*¹⁸). Em relação ao *Watsapp*, este tem se popularizando enquanto ferramenta de utilização para diversos segmentos, tanto relacionamentos sociais quanto trabalho e este aplicativo é utilizado diariamente por 30% da população brasileira, e está presente em aproximadamente 70% dos celulares do país (segundo dados da pesquisa realizada pela *Nielsen*).

Na sequência, foram lembradas as redes sociais de menor expressão, mas de mesma importância e funcionalidade aos adolescentes: *Instagram*, *LinkedIn* e *Twitter*.

No Brasil, segundo dados da pesquisa [Digital in 2016](#), da *We Are Social*, realizada no segundo semestre de 2015, existe atualmente uma média de 45% da população ativa em redes sociais de todos os tipos. Dados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, apresentada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, demonstram que a utilização das redes sociais no Brasil cresceu 13% em número de novos usuários no ano de 2015 e que 65% dos jovens entrevistados, com até 25 anos, acessam internet todos os dias.

Os dados apresentados pelos adolescentes entrevistados coadunam com o apresentado pela Pesquisa brasileira de mídia 2015 acerca de hábitos de consumo de mídia pela população brasileira, onde as redes sociais mais utilizadas de maneira expressiva são o *Facebook* e *Whatsapp*, conforme apresenta o gráfico:

¹⁸ <http://www.slideshare.net/wearesocialsg/digital-in-2016> Acesso em 09/01/2017, 15h.



Fonte: BRASIL, 2015, pg 62.

Sendo o *Facebook* e o *WhatsApp* as duas principais redes sociais em uso e permanente expansão no Brasil, o contexto a qual crianças e adolescentes estão inseridos demanda atenção e cuidados, uma vez que as possibilidades existentes nestes universos paralelos são extremamente atrativos, os quais enredam oportunidades e possibilidades infinitas. Lembrando que este universo paralelo é essencialmente característico da pós-modernidade, constitutivo de toda ambivalência que lhe é permitida, os encantamentos podem travestir-se em acolhimento ou isolamento, em construtividades ou destrutividades. A socialidade está imbricada em realidades múltiplas e fundantes, pois a mutação ocorre continuamente e o sujeito da pós-modernidade apresenta características de adaptabilidade permanente, porquanto modifica seus hábitos e interesses

de forma muito veloz de acordo com o que está em voga na mídia do momento; está constantemente conectada, ou busca estar, ao universo tecnológico; valoriza o aparecer, em um mundo que posiciona seus membros pelo que eles têm e não pelo que eles são; caracteriza seu modo de viver por uma temporalidade na qual a velocidade, a efemeridade e a instantaneidade são elementos constantes; preocupa-se com a estética corporal; procura constantemente a fruição e o prazer e busca incansavelmente fazer parte de uma comunidade de consumidores de artefatos e significados colocados em circulação pela mídia. (MOMO, 2015, p.94)

Pelo exposto por Momo (2015), compreendemos que a socialidade está enredada cada vez mais em processos tecnológicos, movidos pelo interesse pessoal e coletivo, motivados pela busca incessante de pertencimento e conectividade. É importante que haja dialogo acerca das implicações de determinadas posturas, que se reflita quanto critérios de uso do *ciberespaço* enquanto local multipossibilita.

O terceiro questionamento realizado era relativo aos possíveis critérios que cada adolescente entrevistado teria ao aceitar em seu rol de contatos de redes sociais e a pergunta foi: “Quais são os critérios que você utiliza para aceitar pedidos de amizades ou para adicionar pessoas em redes sociais?”

A questão relativa a critérios para aceite de solicitações em redes sociais nos demonstrou que os adolescentes não possuem preocupações quanto a quem lhes propõem contato. As redes sociais, em sua maioria, possuem políticas de uso e privacidade, ficando a critério do usuário se o seu perfil será público ou restrito. Mesmo optando por perfil restrito, é possível que pessoas desconhecidas encaminhem solicitação para aceite de amizade e, quando ocorre, a pessoa comunga de todas as informações que o usuário disponibiliza em seu perfil: postagens, fotos, vídeos, etc.

Os dados das entrevistas coaduna com os resultados da pesquisa realizada pela UNICEF (2013)¹⁹, a qual apontou a situação de vulnerabilidade social a qual os adolescentes estão expostos quando não possuem critérios para aceite de pessoas desconhecidas em suas redes sociais, pois

Entre os hábitos dos adolescentes nas redes sociais analisados por esta pesquisa que podem representar alguma vulnerabilidade para os adolescentes destaca-se a porcentagem dos que afirmam adicionar pessoas desconhecidas em seu perfil: 21% dos entrevistados incluem desconhecidos em suas redes, sendo que 33% dos adolescentes o fazem dentro de determinadas condições. (UNICEF, 2013, pg 45).

Pontuamos que a internet constitui-se ferramenta incontestavelmente

¹⁹ A pesquisa quantitativa sobre o uso da Internet por adolescentes foi realizada pelo IBOPE Inteligência por meio de entrevistas face a face domiciliares no período de 11 a 22 de janeiro de 2013 com 2002 adolescentes de 12 a 17 anos (49% meninas e 51% meninos). Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/pt/br_uso_internet_adolescentes.pdf. Acesso em 15/01/2017, 08h

importante para o acesso às inúmeras possibilidades da sociedade pós-moderna. No entanto, configura-se fonte de oportunidades, mas também vulnerabilidade. Assim,

a internet apresenta situações que demandam certo nível de conhecimento para que sejam aproveitadas em seu potencial. Se por um lado, um maior acesso à internet representa maior exposição às ameaças, só com a prática é possível garantir o desenvolvimento de certas habilidades que garantem um uso seguro e responsável entre os adolescentes. (UNICEF, 2013, p.37)

Em se tratando de crianças e adolescentes faz-se necessário olhares de cuidados e proteção quanto ao uso consciente e responsável das mídias sociais. Para tanto, reiteramos o alerta de Paias e Almeida (2006, p. 01) que enfatizam a importância do diálogo, da busca pela informação e do acompanhamento próximo de pais e responsáveis, uma vez que é inerente às crianças e adolescentes a curiosidade, o espírito de aventura e a ingenuidade.

A pergunta seguinte foi: “Como ocorreu a situação de *ciberbullying* que você vivenciou?”

No tocante à situação vivenciada pelos adolescentes entrevistados, os relatos obtidos acerca da situação de *ciberbullying* vivenciada pelos adolescentes apresentam similaridades em seu *modus operandi*: a motivação se deu a partir de sentimento de vingança, motivados por ciúmes. O *ciberbullying* é a faceta mais trágica e cruel de uma modulação de violência bastante recorrente nos espaços escolares (*bullying*). No entanto, a virtualidade exige o confronto direto entre agressor e agredido, e o uso da internet disponibiliza amplitude inimaginável, uma vez que a ameaça pode ocorrer de maneira anônima ou via postagens de perfis *fakes* que, maioria das vezes, impossibilita a vítima de reconhecer a face de seu agressor. A postagem pode ser compartilhada inúmeras vezes, replicada e atingir um número exorbitante de acesso e visualização (viraliza) em questão de segundos.

Os dados nos apontam outra questão muito recorrente que motiva as agressões no *ciberespaço*: intolerância. A intolerância quanto à orientação sexual apresenta-se em dois relatos de maneira muito clarificada. Em um dos relatos, percebemos que as agressões ocorreram motivadas também por atos de racismo, uma vez que a adolescente relata que foi chamada de “neguinha”, ofensa decorrente de suas características físicas. Outro relato demonstra

questões de vingança quando uma traição fora exposta por perfil *fake* ao adolescente, que mesmo após ter conhecimento da situação relatada por sua companheira, viu-se exposto em redes sociais.

Diante dos relatos, podemos reafirmar que sentimentos de vingança, aliados às questões de anonimato motivam agressores a exposição de suas vítimas na RMC.

Os entrevistados foram questionados quanto às reações apresentadas frente ao *ciberbullying*, e responderam ao seguinte questionamento: “De que maneira você reagiu frente ao *ciberbullying*? Quem você procurou para solicitar auxílio para enfrentar a situação?”

Os relatos apresentados pelos adolescentes corroboram o exposto pelos estudiosos do fenômeno: a violência psicológica deixa marcas invisíveis, porém profundas. Em todas as falas percebemos a dor ao externar os fatos vivenciados. A exposição, o medo, a humilhação, as ameaças deixaram marcas profundas nos adolescentes, o que podemos perceber ao ouvir da adolescente A1: “Tentei me matar, queria cortar meus pulsos”. O mesmo foi exposto pela adolescente A2 ao afirmar: “Me deu síndrome do pânico, tive que tomar remédio de depressão. Só minha mãe sabe, mas tentei me matar”. O adolescente A3 expressou: “me senti bem fragilizado, fiquei bastante abalado”, e na sequência relatou ainda “me senti mal, comecei entrar em pânico, a chorar”.

As consequências desta modulação de violência são diversas, pois cada sujeito reage de uma maneira muito própria, pessoal, no entanto, percebemos que o sentimento de impotência, de diminuição, medo e impunidade são frequentes nos relatos.

Aos adolescentes que afirmaram ter procurado auxílio nos profissionais de educação, verificamos a importância de se ter olhar atento a este fenômeno, pois na situação relatada por A1 foi de acolhimento e orientação e em decorrência, buscou juntamente com seus responsáveis as vias legais para tomada de providências.

No entanto, percebemos descontentamento na fala da A2, quando relatou que não realizou registro da violência sofrida, uma vez que não recebeu a atenção ou a orientação adequada por parte da coordenadora pedagógica, a qual procurou para expor a situação. A postura da referida profissional

desmotivou a aluna a buscar as vias legais para resolução da situação de violência sofrida.

É importante pontuar que não se trata de culpabilizar este ou aquele profissional, uma vez que a temática apesar de presente no ambiente escolar, ainda é pouco conhecida e não há uma formação específica que oriente os profissionais quanto à forma de abordagem e atitudes de conduta frente ao *ciberbullying*.

Moraes (2013) discorre acerca da importância de se efetivar políticas públicas que favoreçam aos profissionais em educação a formação adequada quanto ao uso das mídias em seu contexto educativo, especialmente porque a inserção das tecnologias na socialidade é uma realidade latente e estas, cada vez em maior intensidade, fazem parte do cotidiano de cada sujeito. Neste viés, a autora afirma que é “urgente estabelecer uma política de formação em que as discussões sejam sobre a natureza da educação no mundo em plena e veloz mudança” (MORAES, 2013, p.91), preconizando a inegável relevância dos meios tecnológicos no processo educativo, mas também a rotina individual de uso das mídias pelas crianças e adolescentes, uma vez que a “cultura da mídia [...] está impregnada na cultura juvenil” (MORAES, 2013, p.91).

Percebemos fortemente na fala dos entrevistados que a vergonha pelo ocorrido e o sentimento de culpa associado ao pensamento de impunidade desmotiva a busca de justiça nas vias legais. A legislação brasileira deixa uma lacuna quanto a isso, uma vez que a lei nº 13.185, de 06 de novembro de 2015 apresenta em seu artigo primeiro que “Fica instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o território nacional” e consta no artigo quinto que é “dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (*bullying*)” (BRASIL, 2015).

Entendemos a importância de se constituir um programa que de fato atenda às demandas desta modulação de violência, no entanto, a letra da lei permanece em repouso, uma vez que não existem de fato ações que promovam acolhimento e atendimento às vítimas e agressores, sendo vaga a responsabilização da efetivação deste programa. Neste contexto, o sentimento de impunidade permanece e desestimula a busca de auxílio.

A sexta pergunta feita aos entrevistados foi: “O que você sentiu diante dessa situação vivenciada?”

Contudentemente percebemos na fala dos entrevistados que os sentimentos de exposição, vergonha, impotência, discriminação, raiva são potencializados, sendo vivenciados numa elíptica constante, sem definição, início e fim, numa bipolaridade intermitente, característica da ambivalência da modulação do fenômeno violência, a “misteriosa violência que nos obscurece, que ocupa nossa vida e nossas discussões, que perturba nossas paixões e razões”. (MAFFESOLI, 1987, p. 9).

É perceptível que cada sujeito reage de maneira muito particular, existindo sim uma dinâmica, no entanto, sem ordenamento, sem pontualidade ou conceituação. Percebemos na fala do adolescente A4 que diante de sua postura talvez mais amadurecida em relação aos demais entrevistados decorrente de vivências frente experiências de dificuldades não relatadas, porém percebidas, que a experiência de *ciberbullying* lhe fez buscar forças para reagir positivamente contra as consequências negativas. À sua maneira, relata que busca assimilar os acontecimentos e refletir acerca dos fatos para superar a violência sofrida, demonstrando o preconizado por Maffesoli (1987) ao compreender que a violência “é reveladora de uma desestruturação social relativamente manifestada, que continuamente invoca uma nova construção” (MAFFESOLI, 1987, p. 21), ou seja, apresenta o caráter ambivalente do fenômeno que em sua essência possui a desestruturação e a estruturação que possibilitam a construção ou reestruturação.

A maturidade da experiência deixada pelas marcas sofridas em decorrência do *ciberbullying* também é percebida no relato de A1 quando expressa que percebeu seu erro ao expor sua vida a desconhecidos.

A experiência de violência virtual deixa marcas reais, pontuais e específicas em acordo com a peculiaridade da vivencialidades de cada sujeito.

A maturidade custou aos adolescentes um preço bastante alto. Percebemos claramente nas respostas obtidas na sétima e última pergunta: “Quando você relembra o ocorrido, quais pensamentos lhe vêm à mente?”

Quanto ao pensamento remetido ao lembrar o ocorrido, os adolescentes reafirmaram sentimentos de revolta, de dor, mágoa, invasão, exposição e arrependimento. É comum às vítimas de *ciberbullying* o

desenvolvimento de diversos sentimentos negativos, inclusive de culpa pelo ocorrido, uma vez que internalizam que as agressões sofridas foram provocadas por suas atitudes. Acerca destas questões, Sampaio (2015) discorre que

No tocante às vítimas e testemunhas, elas se encontram mais propensas a apresentar constante medo, ansiedade, pensamentos negativistas, baixa autoestima, depressão, autoflagelação, sintomas psicossomáticos (dores de cabeça, tonturas, problemas estomacais, entre outros) e ideação suicida. (SAMPAIO, 2015, p. 345)

Diante destas constatações, tais sentimentos devem ser trabalhados por profissionais especializados. A culpabilidade é um peso que ao ser alimentada tanto pela vítima quanto pelo agressor, gera novos conflitos pessoais e sociais, numa constante que necessita ser desfeita para se minimizar os danos causados e sofridos.

Uma das constatações latentes na fala dos adolescentes foi quanto à necessidade de apoio emocional e psicológico para o enfrentamento dos danos causados pelo *ciberbullying*. Por se tratar de alunos de escola pública, oriundos de famílias com baixa situação econômica, usuários do sistema de saúde público, relataram morosidade em receber atendimento especializado, o qual obtiveram após crise severa de depressão e ideário suicida. O fato de irem em busca de registro de Boletim de Ocorrência, não lhes garantiu nenhum encaminhamento posterior. Dos quatro adolescentes, três relataram que atentaram contra a própria vida, pontuando que a tragédia não fora concretizada pela intervenção dos familiares. Neste ponto, reitera-se a importância de olhares de atenção dos sujeitos mais próximos das vítimas desta modulação de violência.

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

A socialidade pós-moderna possui em seu bojo especificidades que postulam sua essência: trata-se de uma sinergia existente entre o arcaico e o desenvolvimento tecnológico. A (re)valorização dos instintos, da ética, das etnias induz ao pensamento de valorização do imanenteísmo, uma nova sensibilidade de se vivencializar, um novo olhar sobre o querer estar junto.

O presenteísmo torna-se latente com a saturação da vida cotidiana em seu aspecto domesticado. A homogeneidade da civilização uniformizou um racionalismo extremo, que paulatinamente saturou-se, e no lugar da razão soberana, emerge o efervescente sentimento de pertencimento, identidade da socialidade pós-moderna que é a reafirmação da vitalidade travestida em tribos, cujo ideal comunitário repousa sobre a solidariedade orgânica.

Com o advento da *internet*, a socialidade ressignifica-se diuturnamente. Modificam-se as relações sociais, as vivências, os entretenimentos, a maneira de estar junto. Terminologias como conectar, adicionar, compartilhar, deletar e curtir apresentam novas e amplas significações. O contexto tecnológico amplia a realidade para o universo possibilital da virtualidade.

A internet virtualizou as relações, estabelecendo uma nova ordem comunicativa, estreitando espaços, aproximando distancias geograficamente reais, dissolvendo isolamentos, favorecendo encontros, estabelecendo canais de diálogo, reflexões e debates acerca dos mais diversos assuntos, temas, interesses. A internet possibilitou uma nova maneira de estar junto, fundamentada na noção criativa da partilha.

O mundo acessível ao toque de uma tecla encontra-se à distância de um único “*clic*”. O *ciberespaço* ampliou as possibilidades vivenciais, remodelando atitudes, noções e relacionamentos.

A ambivalência, característica fundante de todo relacionamento social da pós-modernidade, apresenta-se também no fenômeno da violência. No universo tecnológico, a modulação se expressa via *ciberbullying* e compreender sua intensidade é imprescindível para minimizar seus danos.

No contexto escolar, seguindo a constante da socialidade, a internet se faz presente com intensidade considerável. Seu uso ultrapassa os limites do pedagógico, incidindo fortemente nas relações sociais estabelecidas,

remodelando formas antigas de expressões do fenômeno de violência. O *bullying* (atitudes intencionais e repetitivas de ofensas, humilhações, exposição e agressões físicas) intensifica-se no ambiente virtual, expresso em postagens, compartilhamentos e *likes* onde o sujeito é exposto na rede mundial de computadores, de maneira anônima ou não, recebendo ofensas, ameaças, humilhações de diversas ordens.

As agressões ocorrem através das ferramentas tecnológicas (celulares, filmadoras, máquinas fotográficas, internet e seus recursos). A propagação das ofensas ocorre instantaneamente, intensificado pela condição multiplicadora da rede, o que transforma o sofrimento das vítimas em algo imensurável, uma vez que cada sujeito reage à sua maneira, sendo a intensidade dos sentimentos vivencializados particularmente. Tanto o sofrimento quanto a reação da vítima, é imprevisível e imensurável.

O *ciberbullying* extrapola em muito os espaços geográficos, expondo as vítimas ao escárnio público da forma mais vil possível, evidenciado pela perversidade dos praticantes que se valem muitas vezes do anonimato.

É possível perceber que as agressões remontam comportamentos agressivos, sentidos provocatórios, atitudes de represália, palavras notoriamente depreciativas, intimidações, injúrias e/ou críticas. As justificativas (injustificáveis) são das mais diversas ordens, pois toda história tem dois lados: a versão daqueles que se utilizaram desta modulação de violência e a versão dos que sofreram desta modulação de violência. É importante ressaltar, que ambos merecem atenção e necessitam de auxílio e apoio, uma vez que as atitudes demonstram pedido de auxílio.

Há agravantes quanto as incidências da modulação de violência no contexto *ciber*, uma vez que a extensão, a dinâmica e a rapidez com que as agressões se expressam são inimagináveis. As agressões resultam em feridas não visíveis, ainda mais dolorosas, com cicatrizes profundas, pois não marcam fisicamente a pele, mas imprimem cicatrizes profundas no emocional, causando danos psicológicos incontáveis e, por vezes, incuráveis.

Os dados expressos na coleta realizada através das entrevistas nos demonstraram o que as diversas pesquisas apontam como consequências deste fenômeno, dentre eles, pontuamos: a violência sofrida via rede mundial de computadores acarretou em danos psicológicos pontuais, pois os

entrevistados apresentaram a depressão como decorrência da situação vivenciada.

Outro dado que corrobora com o expresso pelos estudos é o sentimento de vergonha associado ao pensamento de impunidade aos agressores, o que muitas vezes desestimula a busca por auxílio e registro em meios legais da violência sofrida.

A ausência de conhecimento acerca da modulação *ciberbullying* por parte de profissionais da educação, é outro fator pontual expresso nos dados coletados. Muitos adolescentes procuram apoio e auxílio em profissionais em quem depositam confiança, e diante da fragilidade vivenciada, se não receberem o correto direcionamento, acabam por não resolverem de maneira assertiva sua questão, acumulando e exponencializando ainda mais a violência sofrida. Neste contexto, a atuação de profissionais atentos aos sinais de que algo está em desacordo é imprescindível. O tato, a habilidade, o conhecimento acerca da temática é fundamental para a abordagem correta no sentido de oportunizar auxílio aos envolvidos.

A depressão e o agravamento de seus sintomas foram dados apresentados pelos entrevistados, os quais corroboram com o pesquisado em diversas fontes no percurso deste trabalho. O pensamento suicida foi apontado por três dos entrevistados, os quais pontuaram que não concretizaram seu intento por intermédio de seus familiares, evidenciando a importância de olhares de cuidado e acolhimento de pessoas próximas das vítimas, para auxiliarem no processo doloroso de superação dos traumas decorrentes das agressões vivencializadas.

São incontestáveis as contribuições que o avanço tecnológico e o recurso da internet trouxeram à sociedade pós-moderna. No entanto, é imprescindível compreender sua ambivalência, sua polissemia, características fundantes desta socialidade de natureza multifacetada e antagônica.

A violência, como fenômeno expresso pelos sujeitos desta socialidade, não difere em sua essência, apenas em suas modulações. Compreendê-la em sua dinâmica permite-nos assimilá-la enquanto manifestação humana e, a partir de tal percepção, refletir acerca de atitudes que promovam minimização dos danos causados pelo fenômeno. Tal noção nos move a conhecer, reconhecer e compreender o humano em suas diversas manifestações.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALVAREZ FERREIRA, Agripina Encarnacion. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos**, Londrina : Eduel, 2013.

AMADO, João. **Da indisciplina escolar ao cyberbullying**. Coimbra: Portal do Ensino à Distância da Universidade de Coimbra, 2010.

ASSIS, Simone Gonçalves de (org.) **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. / organizado por Simone Gonçalves de Assis, Patrícia Constantino e Joviana Quintes Avanci. – Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ, 2010.

BADIA, D.D et al. **A temática da violência escolar na formação docente inicial: das lacunas existentes às discussões necessárias**. Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 19, n. 3, p. 171-184, set./dez. 2014

BALANDIER, Georges. **A Desordem. Elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

BARAZAL, Neusa Romero. **Sobre violência e ser humano**. Convent Internacional 15, mai-ago 2014. Cemoroc-Feusp / Ppgcr-Umesp / IJI- Univ. do Porto, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BARRETO, Maria Cristina Rocha. **Juventude em rede: A questão da amizade na geração “Y”**. Universidade Estadual do Rio Grande do Norte -UERN, 2014.

BARROS, E. P. ; ROSSETTO, R. . **Maffesoli: entre a ciência alegre e o demasiado humano**. Aproximações de uma Sociologia Anarquista. 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2014.

_____. **Aspectos de uma sociologia do imaginário na pós-modernidade: a razão sensível**. Fórum Sociológico, 2014. Disponível em: <http://sociologico.revues.org/920?lang=pt> . Acesso em 17 de abril de 2016.

_____. **Maffesoli e a “investigação do sentido” – das identidades às identificações**. Revista de Ciências Sociais, Unisinos, Volume 44, número 3, set/dez 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2001.

_____. **Identidade: entrevista a Benedito Vecci/Zygmunt Bauman**; tradução, Carlos Alberto Medeiros. -Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2005

CASCAVEL. Lei n. 4.822, de 29 de fevereiro de 2008.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

BASTOS, C. C. B. C. (Org.) ; ALVES, F. L. (Org.) ; SCHROEDER, Rechia Tânia Maria (Org.) . **Pesquisas Fenomenológicas na Contemporaneidade**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2015.

DIEHL, A. A. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. (Trad. de Hélder Godinho). Lisboa: Presença, 1997/2007/2012.

_____. **O imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

_____. **A imaginação simbólica**. Trad.: Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo- USP, 1988.

EMICI - Equipo Multidisciplinar de Investigación del Cyberbullying. Disponível em: <http://www.protocolo-cyberbullying.com> . Acesso em 03 de abril de 2016.

FRAGOSO, Suely. **Territorialidades virtuais: Identidade, posse e pertencimento em ambientes multiusuário online**. XIV Encontro da Compós, na PUC-RJ, Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2010. Acesso em 12 de março de 2017, às 15h15min. Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/qt1_suely_fragoso.pdf

GADEA, Carlos Alfredo. **Jovens, violência e contemporaneidade: interpretações e desafios da escola**. In Violência e educação: em busca de novos olhares/organização Vilmar Malacarne [et al.]. – 1. Ed.- Curitiba, PR: CRV, 2014.

GESSINGER, Humberto. **Coração blindado**. In: Acústico II, Novos Horizontes. 2007. CD.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª Edição. São Paulo. Editora Atlas S.A. 1999.

GUIMARÃES, A. M. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambiguidade**. Campinas: Autores Associados, 1996.

GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. 2ª ed. rev. Atual. São Paulo: Loyola, 2004.

JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. [Die archetypen und das kollektive, tradução de Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva] 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

KOLLOCK, Peter.; SMITH, Marc. **Communities in Cyberspace**. (orgs) London: Routledge, 1999. Disponível em: <http://www.connectedaction.net/wp-content/uploads/2009/05/2001-kollock-and-smith-introduction-to-communities-in-cyberspace.htm> . Acesso em 01/12/2016, às 18h.

LE MOS, André. **Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Procedimentos básicos e pesquisas bibliográficas**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LAKATOS, M. E.; MARCONI, A. M. **Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉXICO: **Dicionário de Português on line**. Disponível em: <http://www.lexico.pt/imaginario> . Acesso em 17/04/2016, às 01h08min

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Vogel. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998/2014.

_____. **O tempo retorna**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2012.

_____. **Iconologias e idolatrias pós-modernas**. Ciências Sociais Unisinos 48(2):162-165, maio/agosto 2012. Disponível em: Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2012.48.2.10 . Acesso em 14 de Novembro de 2016, às 01h.

_____. **Algumas notas edificantes e curiosas escritas para o uso daqueles que querem pensar o mundo tal como ele é**. Revista FAMECOS: Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 312-326, maio/agosto 2011.

_____. **A barbárie em face do humano: as tribos pós-modernas**. Revista FAMECOS , Porto Alegre, v. 17, n. 01 , p. 5-10. janeiro/abril , 2010.

_____. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2010.

_____. *Iconologías Nuestras idolatrías posmodernas*. Ediciones Península, Barcelona, 2009.

_____. **A terra fértil do cotidiano**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 36, Agosto de 2008.

_____. **Tribalismo pós-moderno: Da identidade às identificações**. Revista Unisinos, Volume 43, número 1, jan/abr 2007.

_____. **O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre, Sulina, 2006

_____. **Notas sobre a pós-modernidade – O lugar faz o elo**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

_____. **A parte do diabo – Resumo da subversão pós-moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social**. Revista FAMECOS: *mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, n. 23, p. 23-29, abr. 2004b.

_____. **A violência totalitária, ensaio de antropologia política**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981/2001.

_____. **Lógica da dominação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. **Dinâmica da violência**. São Paulo. Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987

_____. **A dinâmica da violência**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987.

_____. **Elogio da razão sensível**. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. – Petrópolis, RJ :Vozes, 1998.

_____. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1996.

MALTA, Deborah Carvalho. **Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009**. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/630/63020572008/>. Acesso em 18 de Abril de 2017, às 15h.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MOMO, Mariangela. **Professora, pesquisadora, fotógrafa e consumidora enxergando crianças pós-modernas que vão à escola.** Revista Educação (Porto Alegre, impresso), v. 38, n. 1, p. 87-95, jan/abr. 2015.

_____. **Crianças escolares do Século XXI: para se pensar uma infância pós-moderna.** Cadernos de Pesquisa, v.40, n.141, set./dez. 2010.

MORAES, Denise Rosana da Silva; GOMES, Iara de Oliveira; TERUYA, Teresa Kazuko. **Formação continuada de professores e professoras: O PDE/PR.** Revista HISTEDBR Online, Campinas, SP, n. 43, p. 183-201, set. 2013. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/43/art13_43.pdf . Acesso em 08/01/2017, às 15h.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **O Imaginário: em busca de uma síntese entre o ideológico e o simbólico na análise da dinâmica sócio-cultural latino-americana.** Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación www.eptic.com.br Vol.IV, n.3, Sep./Dic. 2002

NOVO, Cristina. **Bullying e as tecnologias da comunicação: do uso ao abuso.** Interações, n.13, p. 327-337. 2009PAIS, José Machado. **Máscaras, jovens e “escolas do diabo”.** Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência.** 6. ed. São Paulo: Brasiliense .Col. Primeiros Passos, 2003.

PEREIRA, Susana. AMADO, João. PESSOA, Teresa. **Cyberbullying: estudo exploratório sobre as percepções dos professores.** Revista Práxis Educacional, v.8, n.13, p.107-128, jul./dez. 2012)

PESAVENTO, Sandra. **Em busca de uma outra história : imaginando o imaginário.** Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 15, no 29, 1995.

PITTA, Danielle Prin Rocha. **Ritmos do imaginário.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005.

PRETTO, Nelson De Luca. **Além das Redes de Colaboração – Internet, Diversidade Cultural e Tecnologias de Poder.** EDUFBA, 2008.

PRIOTTO, Elis Palma. BONETI, Lindomar Wessler. **Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola.** Revista Diálogo Educacional, Curitiba, Pr, v.9, n. 26, p. 161-179, jan/abr. 2009.

RECHIA, Tânia Maria. **O Imaginário da Violência em Minha Vida Cor-de-Rosa**. 2005. Tese. (Doutorado)- Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, 2005.

RECUERO, Raquel. SOARES, Pricilla. **Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage "Diva Depressão"**. Galáxia (São Paulo) vol.13 nº 26, São Paulo Dez. 2013.

RITZMANN, Iracy Gallo, et al. **Imaginário e representação das imagens de perfil no Facebook**. ISSN 1982-5935. Revista Travessias, Vol 6 Nº 2 – 2012 , 15ª edição.

ROCCA, Fábio La. **Cultura tecno-objetal e o novo espírito da humanidade**. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 7, n. 13, jul./dez. 2015.

SAMPAIO, Julliane Messias Cordeiro. **Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos**. Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis, 2015 Abr-Jun; 24(2): 344-52.

SCHROEDER, Tânia Maria Rechia. **Violência Escolar: O Movimento entre as Forças da Ordem e da Desordem**. Revista Educação e Cidadania. Volume 10, nº 10, p. 1-10, 2008.

SEVERINO, Antônio. **Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico**, 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Marli Appel, et all. **Existe sujeito em Michel Maffesoli?** Psicologia USP, vol.21 número 02. São Paulo Abril./Junho de 2010.

SILVA, Juremir Machado da. **O imaginário é uma realidade**. Porto Alegre, REVISTA FAMECOS. nº 15 . Agosto de 2001, edição quadrimestral.

WILLARD, Nancy. **Educator's guide to cyberbullying and cyberthreats**. 2007. Disponível em: <https://education.ohio.gov/getattachment/Topics/Other-Resources/School-Safety/Safe-and-Supportive-Learning/Anti-Harassment-Intimidation-and-Bullying-Resource/Educator-s-Guide-Cyber-Safety.pdf.aspx>.

Acesso em 13 abril de 2016 , às 15h.